



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA

NOS BAILES DA HISTÓRIA: IDENTIDADES, LAZER E DIVERSÃO NOS CLUBES
SOCIAIS DE REMÍGIO-PB (1960-1980)

TATIANE SANTOS DE SOUZA

CAMPINA GRANDE - PB
SETEMBRO / 2014

**NOS BAILES DA HISTÓRIA: IDENTIDADES, LAZER E DIVERSÃO NOS CLUBES
SOCIAIS DE REMÍGIO – PB (1960-1980)**

TATIANE SANTOS DE SOUZA

Orientador: Professor Doutor Antônio Clarindo Barbosa de Souza.

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura plena em História, do Centro de
Humanidades, pela Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito para
obtenção do título de Licenciada em História.

Campina Grande - PB

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S729n

Souza, Tatiane Santos de.

Nos bailes da história : identidades, lazer e diversão nos clubes sociais de Remígio – PB (1960-1980) / Tatiane Santos de Souza. – Campina Grande, 2014.

45f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza".

Referências.

1. História Social. 2. Clubes Sociais. 3. Cidade. 4. Memória. I. Souza, Antônio Clarindo Barbosa de. II. Título.

CDU930. 85 (043)



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

*Aos meus pais, Aderilzo Moreira de Souza
e Elizete Santos, que juntos iluminam minha
vida com amor, afeto e dedicação, sempre com
palavras de apoio e encorajamento para
nunca desistir de realizar meus sonhos!*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, fonte de luz e inspiração, pela realização deste trabalho e pelo dom da vida, pela minha família e por todas as conquistas que até aqui foram realizadas. Meu pai celestial que iluminou todos meus passos durante a graduação, fazendo-me acreditar na minha capacidade de concluir essa etapa da vida.

Agradeço a minha família, em especial ao meu pai Aderilzo Moreira de Souza e a minha mãe Elizete Santos que juntos contribuíram para a realização deste trabalho monográfico, me apoiando materialmente e sentimentalmente, acreditando na minha capacidade de vencer, de superar qualquer dificuldade, sempre me apoiando nos meus momentos mais difíceis. Não mediram esforços e sempre batalharam para me ajudar a ter uma boa educação, apesar de algumas dificuldades diversas, nada impediu para continuar sempre a estudar. Agradeço a minha irmã Thaís Santos de Souza, amiga de todas as horas, acompanhando meus momentos de desespero e esperança. A minha vó Maria de Lourdes Santos a primeira professora da família que me ensinou a admirar os livros e a admirá-la por ser professora. Enfim, sou imensamente grata a Deus por essa dádiva de família.

Quero agradecer também a todos os meus professores que contribuíram para minha formação educacional, em especial aos mestres professores do curso de História, contribuindo para minha formação enquanto uma profissional e historiadora. Ao meu querido mestre orientador Antônio Clarindo Barbosa de Souza que me guiou pelos caminhos da escrita, me tratando com atenção e disponibilidade em todos os momentos da pesquisa. Sou imensamente grata por me orientar durante toda a pesquisa e pelas mensagens de incentivo que fizeram-me acreditar na minha capacidade de chegar onde eu quero. Será sempre meu maior exemplo de profissional e pessoa ao qual desejo seguir.

Não poderia deixar de agradecer as minhas amigas que o curso de História me apresentou Kelyana Lustosa e Karla Mayana. Amigas fiéis, amáveis, companheiras que desde os primeiros dias de aula descobri uma afinidade maior que amizade, e passei a considera-las como irmãs da graduação, compartilhando muitos momentos, entre eles bons e ruins. Minhas queridas companheiras diárias, que por mais que alguma dificuldade surgisse, elas sempre estiveram ali tão presente, com palavras de apoio e conforto. A vocês que fazem parte de mim, o meu muito obrigado emocionado, por compartilhar alegrias e tristezas cada segundo vivido durante a graduação.

Agradeço também a minha outra querida amiga/ irmã Laysa Cristina, uma menina que passei a admirá-la por sua garra e coragem que em momentos tão difíceis esteve ao meu lado, com palavras amigas de apoio e conforto, apesar da sua transferência para o turno noturno, nosso vínculo nunca deixou de existir dentro e fora da universidade.

Aos meus amigos historiadores que contribuíram de alguma forma para a realização desta pesquisa. Minha gratidão a Elizabeth Cristina, que além de historiadora é uma grande amiga e conselheira que me ajudou e muito durante a pesquisa, obrigada pela companhia nos momentos que mais precisei. Sou grata também a Alisson Pinheiro, amigo de infância e amigo historiador, sempre disponível no que fosse preciso.

A e o que seria de mim sem meus amigos, que sempre estiveram ali tão presentes, preocupados comigo e com minha pesquisa? Sim, eu não seria nada sem as conversas e os conselhos de Angélica Fonseca e Lucila Albuquerque, sem as saídas para as festas e as viagens para descontrair com Glaucy Balbino, minha parceira amiga fiel.

Agradeço também, especialmente, aos meus colaboradores, pois sem eles não seria possível à construção e realização deste trabalho, pessoas admiráveis que através de suas narrações memoráveis possibilitassem que criássemos laços de amizade e juntos construíssemos uma parte da história da cidade de Remígio.

Meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que fazem parte da minha vida!

Minha eterna gratidão!

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem por objetivo analisar a chegada dos clubes sociais em Remígio- PB e identificar os laços identitários que surgiram na sociedade remigense com a presença dos clubes sociais, enquanto sinônimo de espaço sociocultural, através do Centro Social João XXIII em 1956 e o surgimento do Clube S.A.E.R. (Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio) em 1958, analisando o novo espaço de lazer em funcionamento entre as décadas de 1960 e 1980. Neste sentido, este trabalho busca analisar as transformações e o desenvolvimento que ambos os clubes trouxeram para a cidade de Remígio e para as pessoas, transformando os hábitos e os costumes de alguns moradores. Para melhores resultados, optamos por trabalhar com relatos orais, a partir da memória de algumas pessoas que vivenciaram aquela época, haja vista que as fontes escritas são inexistentes, e através dos relatos orais de memória privilegiamos informações sobre as vivências cotidianas da cidade em que se fizeram presentes os clubes sociais. É sobre os estudos da memória que podemos perceber os requisitos que são fundamentais para conduzir as reflexões presentes neste trabalho. Assim, dialogamos com alguns teóricos e seus conceitos referentes ao desenvolvimento desta pesquisa. Dentre os teóricos e conceitos, destacamos o conceito de identidade, de Stuart Hall, o conceito de cotidiano de Michel de Certeau, o conceito de memória de Jacques Le Goff e o conceito de práticas e representações de Roger Chartier. A construção da história de Remígio - PB através deste trabalho irá contribuir com a história das cidades, uma vez que, pouco se tem escrito sobre a história daquela cidade.

Palavras - chave: Clubes Sociais. Cidade. Memória.

ÍNDICE DE IMAGENS

MAPAS

Mapa do Estado da Paraíba destacando o município de Remígio p. 22

DESENHOS

IMAGEM 1 - Desenho do primeiro Mercado Público em 1875. p. 24

FOTOGRAFIAS

IMAGEM 2 – Abertura da Rua Joaquim Cavalcante de Moraes p. 32

IMAGEM 3 – Localização do Centro Social João XXIII p. 35

IMAGEM 4 – Deputado Luiz da Costa Araújo Bronzeado p. 38

IMAGEM 5 – Alunas usuárias do ônibus S.A.E.R. p. 41

IMAGEM 6 – Alunos usuários do ônibus S.A.E.R. p. 42

IMAGEM 7 – Sede da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio
(S.A.E.R.) p. 44

IMAGEM 8 – Vestimentas dos homens remigenses em 1970 p. 49

IMAGEM 9 – Casamento de Ana Maria Thomaz no Clube S.A.E.R. p. 51

IMAGEM 10 – Centro Pastoral João XXIII p. 58

IMAGEM 11 – Carteira dos Sócios do Clube S.A.E.R. p. 59

IMAGEM 12- Competição de voleibol entre o Premure e o A.C.E.R. (1985) p. 63

SUMÁRIO

A PREPARAÇÃO PARA O BAILE (INTRODUÇÃO)	11
PRIMEIRO BAILE (CAPÍTULO I) - FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE REMIGENSE.....	20
1.1 Uma noite social: homenagem aos filhos ilustres de Remígio	20
1.2 Um passeio por Remígio: processo de desenvolvimento da cidade.	22
SEGUNDO BAILE(CAPÍTULO II) – CONHECENDO O SALÃO: AS MUDANÇAS DE HÁBITOS ATRAVÉS DAS PRIMEIRAS ATIVIDADES CLUBÍSTICAS	31
TERCEIRO BAILE (CAPÍTULO III) - ANDANDO PELAS RUAS, BAILANDO NOS SALÕES, CONHECENDO A PREPARAÇÃO ANTES DO BAILE.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS - O ÚLTIMO BAILE.....	68
FONTES	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
ANEXOS	

A PREPARAÇÃO PARA O BAILE (INTRODUÇÃO)

Durante os anos de graduação no curso de História por meio de diversas leituras, de experiências vivenciadas individual e coletivamente com minha turma, surgiu o interesse em trabalhar com espaços de lazer/diversão que se entrelaçam nos campos da história cultural, estabelecendo vínculos com a sociedade pela qual faz parte, abrangendo experiências humanas, definições de identidade e as práticas cotidianas da cidade.

A realização de festas sociais em Remígio, em alguns clubes, como o Clube S.A.E.R. e o Centro Social João XXIII, possibilita um estudo sobre as formas de divertimentos em uma sociedade localizada no interior do estado paraibano e com uma pequena população¹, qual levou-me a ter interesse em conhecer como as pessoas utilizavam-se de pequenos clubes e realizavam suas mais diversas festas, além de que esse estudo pode esclarecer sobre alguns hábitos e costumes presentes nessa sociedade. Esse trabalho monográfico possui relevância diante da sociedade remigense, enquanto fruto da História da cidade, por contribuir com a historiografia local, pois até o presente momento não há um trabalho que aborde a temática aqui exposta.

Pensamos em trabalhar os espaços que foram construídos social e culturalmente pelos sujeitos que habitaram e que habitam essa cidade, através de suas vivências cotidianas. Com isso, a intenção de trabalhar com esse tema sobre as festas realizadas nos clubes sociais é o de rememorar, a partir das memórias dos próprios remigenses, a realização de eventos sociais voltados para a vivência social em forma de diversão e lazer, além de registrar como ocorriam as relações entre as pessoas que frequentavam os clubes. Sendo assim, pesquisarei em destaque o Centro Social João XXIII, localizado na Rua Luiz Barbosa, no centro da cidade e o Clube S.A.E.R. (Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio), localizado na Rua Joaquim Cavalcanti de Moraes, próximo à Prefeitura Municipal, analisando quais foram as motivações que levaram Remígio a possuir clubes sociais e como era a vivência dentro dos seus salões.

O período de estudo referente à existência dos clubes sociais analisa primeiramente o distrito de Remígio na década de 1940; o ano de sua emancipação política em 1957, a chegada dos clubes no final da década de 1950 e as vivências de seus frequentadores entre as décadas

¹ Referente à população da cidade de Remígio, o último censo realizado pelo IBGE em 2013 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apresentou um número de 18.686 habitantes. Remígio. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251270&search=||infogr%E1ficos>. Acesso em 26 de Maio de 2014.

de 1960 a 1980, do momento em que se realizavam as festas, mostrando a cultura de uma região localizada entre os limites que dividem a região do brejo paraibano, com a do Agreste do Planalto na Região Geográfica da Borborema, a 132 km da capital.

O interesse em trabalhar com o tema Cidades² abriu uma oportunidade para contribuir com uma documentação escrita do lugar em que vivo, ouvindo histórias e experiências vividas, relatadas através da tradição oral de seus moradores. Estudar sobre cidades e conhecer a sociedade presente nela, permiti-nos adentrar a um espaço de múltiplas práticas, as quais são exercidas no interior desta. Nesse trabalho, as várias leituras permitiram-me conhecer os conceitos de cidade, bem como fez despertar o interesse em trabalhar com uma pequena cidade do interior, analisando as experiências humanas e as representações do passado, a partir dos relatos orais de memórias.

A cidade é um amplo espaço que permite aos historiadores conhecer vários fatores que contribuem para sua formação, entre eles políticos, culturais, populacionais, econômicos, organizacionais e históricos, haja vista, todas essas totalidades de fatores compõem o fenômeno urbano. Dito isto, a cidade aqui estudada, possui uma rica história com seus valores³ e merece possuir uma documentação escrita, ampliando o conhecimento histórico referente ao estudo das cidades, em particular das cidades paraibanas.

Os estudos sobre cidade foram apreciados pelo olhar das diversas ciências humanas, desde historiadores, cientistas sociais e antropólogos que possuem um olhar mais subjetivo, sensível, estudando os aspectos da sociedade presentes na cidade, como também nos campos da geografia, Arquitetura e Urbanismo que possuem um ponto de vista mais material e arquitetônico. Há no Brasil muitos historiadores que contribuíram com suas escritas e motivam outros historiadores a trabalhar com a história das cidades, além dos historiadores que escrevem sobre a história das cidades da Paraíba, ao qual tive grande inspiração.

Analisamos os primeiros estudos sobre cidade que datam do início do século XIX, quando os estudos possibilitaram avançar em conhecer o desenvolvimento humano, possibilitando assim, pensar a cidade, enquanto esse espaço evoluído, que adotou a

² No grupo de Estudos Teoria e Metodologia da História, ministrado pelo professor Antonio Clarindo Barbosa de Souza, na Universidade Federal de Campina Grande, desenvolvem estudos com base em textos vinculados ao tema de cidade e traz indicações de estudo sobre cidades para trabalhos futuros, realizando debates em volta do interesse crescente pelos temas da Cidade e seu conceito relacionado à cultura, bem como as fontes utilizadas e aportes teóricos metodológicos para os estudos sobre as cidades.

³ Valores estes que foram formados a partir da primeira povoação, e ao longo do desenvolvimento da cidade em 1957, foram adquirindo práticas culturais, econômicas, políticas e sociais.

urbanização. Esses estudos foram se destacando ao longo dos anos, chegando ao século XX mais aprimorado. Pensar o conceito de cidade é pensar no desenvolvimento evoluído de um lugar, conhecendo as interferências que o homem constrói, a partir de suas práticas e representações.

Nesta pesquisa, trabalhamos com a cidade e suas atividades relacionadas ao lazer e a diversão. Nesse sentido, utilizamos os trabalhos de alguns historiadores brasileiros que se destacam para estudar a cidade e as relações com o homem. Estudamos o texto do historiador José D' Assunção Barros, “Cidade e História”(2012), trazendo reflexões sobre a modernidade presente na cidade, além de análises do fenômeno urbano e da vida citadina. Neste livro o autor apresenta pontos específicos que caracterizam a cidade, bem como sua forma organizacional. No entanto, Assunção Barros apresenta as diferentes formas de como pensar a cidade:

(...) abria-se a possibilidade de se pensar a cidade como uma etapa mais avançada do desenvolvimento humano, ou até a cidade especificamente ocidental como uma forma mais evoluída de urbanismo para a qual deveriam convergir historicamente formas urbanas menos elaboradas. (BARROS, 2012, p. 12)

Aproximando-se mais de nossa historiografia regional, temos também trabalhos de historiadores paraibanos que contribuíram para a análise sobre cidades, em específicas, as cidades paraibanas. A contribuição de Severino Cabral Filho com seu texto “A cidade revelada: Campina Grande em imagens” nos revela um cenário urbano campinense e o advento da fotografia como uma “reprodução” do cotidiano.

As fontes iconográficas utilizadas nessa pesquisa nos permite aproximar-se do passado para conhecer informações da época, das pessoas e das sociedades no período em que foram produzidas. O uso de fotografias, de pinturas, permite ao historiador ou ao cientista social, um estudo mais detalhado da época em que a fonte foi produzida, detalhando o cotidiano das pessoas, suas vivências, suas vestimentas, seus costumes. Assim:

(...) propomos a análise das imagens fotográficas como documentos que permitem uma aproximação das práticas sociais com a sua dimensão simbólica, considerando as tensões e conflitos que, historicamente, permeiam sociedades. Essas imagens podem ser significadas como produtos de um universo pleno de representações e que possibilitam a elaboração de outras representações (...) (FILHO, 2009, p. 33)

É preciso uma busca por fontes iconográficas (imagens fotográficas) que contribuíram para a riqueza deste trabalho, pois as fotografias aqui apresentadas nos ajuda a pensar a construção da sociedade que foi, e ainda a que é nos dias atuais. Cabral Filho (2009) afirma que é possível “(...) pensar a imagem fotográfica como uma documentação que torna possível

a realização da pesquisa histórica e, em consequência, a ampliação das possibilidades de sua produção”.⁴ As imagens aqui trabalhadas serviram para imaginarmos determinadas situações da sociedade e estruturas físicas dos clubes sociais, ajudando entender como eram seus hábitos, seus costumes, reproduzindo a realidade daquela época.

Outra grande contribuição é do historiador Antonio Clarindo Barbosa de Souza, com seu texto “Os clubes sociais em Campina Grande: espaços de sociabilidade, lugares de exclusão”, presente no livro “Cultura e Cidades”(2009), o qual possibilitou uma aproximação direta com o tema aqui trabalhado, despertando ainda mais o interesse pela temática. Portanto, esse texto permite-nos analisar as práticas culturais presentes nos clubes sociais, bem como a relação que este estabelece com a cidade.

Através dos relatos orais de memória, será possível visualizar como as formas de lazer, usos festivos, divertimento e representação estiveram tão presentes na vida das pessoas remigenses que participaram, atuando nesses espaços, constituindo suas representações e práticas na nova vida que os novos tempos modernos proporcionavam.

De início avaliamos uma inexistência de fontes escritas acerca da temática referente às festas nos clubes sociais de Remígio, assim optamos por trabalhar com a História Oral, voltada para uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea. Para tal resultado, trabalhamos com os relatos orais de memórias das pessoas que viveram naquela época, podendo contribuir com sua memória e informações necessárias para a realização total deste trabalho. Segundo os pesquisadores do CPDOC “A história oral é um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, (...) como forma de se aproximar do objeto de estudo.”⁵ É esse contato direto que o pesquisador tem com sua fonte, que possibilita um amplo conhecimento através de seus depoentes, permitindo-se construir a história desejada.

Quando falamos em relatos orais de memória, é preciso entender a metodologia que utilizamos nesta pesquisa para a realização de entrevistas orais com pessoas que fizeram parte ou estiveram presentes nesses clubes, bem como entender a fonte oral como um registro que guarda vestígios de manifestações através da oralidade humana. O livro da historiadora

⁴ CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens**. – Campina Grande, UFCG, 2009. p.25

⁵ ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p.18.

Verena Alberti “Manual de História Oral” (2005) possibilitou um amplo espaço de conhecimento para trabalhar com a História Oral.

Verena defende que os historiadores que trabalham com esse tipo de fonte podem abranger todas as etapas de preparação, realização e tratamento de todas as entrevistas realizadas com a história oral. Assim, assumindo nossa função de historiadora faremos isto com a intenção de privilegiar informações obtidas sobre as vivências cotidianas da cidade, entre suas práticas e representações, possibilitando uma reconstituição da memória dos remigenses através da oralidade.

Destacaremos elementos culturais e econômicos, em torno da sociedade, para mostrar como era a participação das pessoas no momento de realizar os bailes, organizando o clube, convidando pessoas, bandas, orquestras, além de descrever como a cidade foi desenvolvendo-se economicamente através da cultura de subsistência, com o qual os remigenses estabeleciam relações de produção para garantir a subsistência da família e da cidade, produzindo uma infinidade de outros elementos que compunham o elemento cultural que são as festas e atravessando significativos elementos para buscar na memória os signos de cada identidade presente.

É ao adentrar sobre a questão da identidade⁶ que esse estudo recebe a contribuição do antropólogo Stuart Hall (1997) sobre “A identidade Cultural, na pós-modernidade”, explorando algumas questões sobre a identidade cultural. Essa pós-modernidade que pode ser considerada como um momento cultural que faz surgir uma identidade, que segundo Stuart Hall:

(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 1997, p.42)

É essa suposta identidade cultural aqui estabelecida que nos permitem conhecer a festa e suas experiências culturais que foram vivenciadas pela sociedade remigense. Acreditamos que dessa forma, os clubes sociais, além de serem símbolos do moderno, representaram para os frequentadores da época, um espaço de sociabilidade e lazer, bem como possibilitaram a construção de identidades, podendo ela ser transformada ao longo do tempo. Cada ser humano

⁶ Visar à construção da imagem de si mesmo, adquirida ao longo do tempo, para acompanhar o conjunto de características e dos próprios traços diante da sociedade, podendo assim, estabelecer relações diretas entre as festas e a identidade cultural.

possui assim, a sua própria identidade e assumindo-a por meio de acúmulo de experiências, bem como das atividades cotidianas.

Por identidade entendemos um conjunto de características próprias presentes em um ser humano, podendo assim identificá-la. Já com relação à identidade coletiva, podemos estudar o conjunto de características de um povo, de uma região, que é resultante da interação entre os membros da sociedade. É sobre a identidade coletiva que tomamos como base para construir o sujeito que assume identidades diferentes em diferentes momentos, de acordo com as relações culturais estabelecidas pela sociedade. Portanto, “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”⁷ Assim, para entendermos o processo de formação dos clubes sociais presentes em Remígio, vamos analisar a partir de alguns frequentadores que fizeram parte desse processo inicial, quando as várias formas de identidade são resignificadas, assumindo novos aspectos culturais.

No que se refere ao aporte teórico metodológico desta pesquisa e diante do exposto acima para a elaboração da monografia, faz-se necessário uma pesquisa mais aprofundada acerca da sociedade remigense entre as décadas de 1960 e 1980, visando avaliar as práticas de divertimento dentro dos clubes sociais.

Faremos isto através de relatos orais de memória,⁸ utilizando-se do conceito de memória, trabalhado pelo historiador francês Jacques Le Goff. A intenção é registrar como as formas de memória agem através da oralidade sobre a compreensão do passado, conservando informações coletivas do passado para a rememoração do presente, sendo utilizada como uma fonte histórica. E segundo Le Goff “A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos (...) a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”⁹ Essa citação ajuda a entender a finalidade desta pesquisa, e sua relação com o campo da História Oral, pois através dos relatos orais de memórias o depoente busca informações em

⁷ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/ tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. – Rio de Janeiro: DP&A. Ed., 1997. Pg.13

⁸ O conceito de memória associado à maneira de registrar como as formas de memória agem através da oralidade sobre a compreensão do passado, conservando informações coletivas do passado para a rememoração do presente, sendo utilizada como uma fonte histórica. E segundo Le Goff “A memória, na qual cresce a história (...) procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.” LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. – 6ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. p. 457

⁹ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. – 6ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. p. 405.

sua memória que ajuda a compreender sua relação com o passado e o presente e com as memórias dos outros indivíduos.

O intuito desta pesquisa é deixar registradas, as práticas e representações que norteiam os cidadãos remigenses no que diz respeito as suas manifestações culturais naquele tempo. Assim, utilizaremos sobre os conceitos de práticas e representações do historiador Roger Chartier, em seu livro “A História Cultural entre práticas e representações”(1990). Analisando as práticas culturais presentes na sociedade, com a chegada dos clubes sociais, a sociedade passa por mudanças e estas mudanças acarretam nas práticas culturais, as quais podem ser definidas segundo o conceito de práticas e representações de Roger Chartier. Segundo o autor, sua escrita é uma contribuição à história social e é através das práticas e representações, que ambas refletem na modificação do cotidiano das pessoas, bem como em seus hábitos e seus costumes.

O historiador busca analisar todo um conjunto de práticas, de representações e objetos culturais, contribuindo diferentemente com a história social “As representações do mundo social assim construídas (...) são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.” (CHATIER, 1988, p.17)

Nesse sentido as práticas e as representações da sociedade remigense se correlacionam ao meio em que vivem e ao meio social a que pertencem, podendo ser evidenciado através das transformações sociais e culturais que ocorrem na cidade, pois foi com a chegada dos clubes sociais que os diferentes setores da sociedade passaram por diferentes impactos presentes em suas práticas culturais.

Para um melhor entendimento do que é a cidade e sobre as produções cotidianas¹⁰ que o homem produz, faz necessário um estudo da obra de Michel de Certeau sobre “A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer,”(2012) analisando o conceito de cotidiano, bem como as práticas urbanas empreendidas pelo homem na cidade. É através do estudo dos momentos das festas presente nos clubes sociais, que vamos apontar a festa como uma quebra da rotina no cotidiano da sociedade.

¹⁰ O conceito de cotidiano evidencia-se na forma em que avaliamos a vida cotidiana de determinada sociedade, formada a partir de procedimentos, e segundo Michel de Certeau, ele define o cotidiano como práticas, podendo elas serem de estratégias e táticas. Portanto, é através de Certeau que podemos analisar o cotidiano como diferentes formas de espaço (um lugar praticado) e formação de lugares (planejado). Ver: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano-artes de fazer**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Assim partimos de um lugar de fala e de pertencimento para construir uma história e segundo Certeau “Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural” (CERTEAU, 2008, p.66). É através desse lugar que evidenciamos o interesse de escrever sobre essa história, possibilitando às gerações futuras, deixar através do registro escrito, uma contribuição na historiografia local.

Pretendemos mostrar como nos tempos de folia os cidadãos remigenses desfrutavam dos pequenos clubes sociais para divertirem-se e mostrar como era pensada a cultura presente naquela época, como uma forma de lazer. Clubes estes que se destacavam como lugares simbólicos, mostrando os fatores sociais, de como era formada essa sociedade, bem como os fatores políticos e econômicos.

Esta pesquisa é uma forma de deixar uma História escrita dos clubes sociais, sobre como os cidadãos remigenses, entre eles elites e populares, divertiam-se, utilizando sua região, sua própria cidade, sua própria cultura e sociabilidades. Mostrar as noites que ficaram marcadas em suas memórias, em várias noites de foxes, boleros, mambos e vários outros ritmos da época. Acreditamos que é uma pesquisa que dá sentido a um pertencimento do lugar, de contribuir acadêmica e pessoalmente com a história da cidade, que até então, possui poucos estudos registrados referentes à história local.¹¹

As motivações que levaram a escrever sobre este tema estão ligadas ao interesse constante de estudar a sociedade e suas formas de divertimento, seja em clubes sociais, seja nas ruas, em festas profanas ou religiosas, bem como acompanhar através destas festas o desenvolvimento da cidade de Remígio. É uma busca em conhecer a originalidade de cada região, de cada cultura, destacando um evento social de grande complexidade e riqueza, qual serve para compreender a sociedade em que viveram os remigenses.

A cidade de Remígio por possuir pouco tempo de existência enquanto emancipada politicamente,¹² não possui fontes escritas sobre esse estudo presente dos clubes sociais. Neste âmbito a História Oral contribui nessa pesquisa para comprovar a existências de práticas e representações culturais. Com base nisso, recolhemos depoimentos orais de memória de alguns moradores e frequentadores dos clubes da época, que aceitaram contribuir para a

¹¹ MELO, Francisco de Assis. **Moleques do Palma** / Francisco de Assis Melo. – João Pessoa: Editora Imprell, 2009. p.128.

SERAFIM, Péricles Vitorio. **Remígio: Brejos e Carrascais**. João Pessoa. Editora Universitária, 1992.

CUNHA, Elizabeth Cristina do Nascimento. **Remígio em cena: lazer, prazer e diversão com a chegada do cinema em Remígio – PB a partir de 1949**. UFCG, 2012.

¹² São cinquenta e sete anos de emancipação política. 31 de Março de 1957.

construção historiográfica da cidade de Remígio. São relatos orais de memória que privilegiam informações sobre as vivências cotidianas da cidade.

No mais, diante da problemática apresentada sobre como a sociedade de Remígio se utilizava dos espaços, denominados de clubes sociais, para realizar suas festas, levando a cidade a desenvolver-se social e culturalmente, no período correspondente aos anos de 1960 a 1980, construímos nossa pesquisa e apresentamos em três capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos uma homenagem aos filhos ilustres de Remígio, realizado no Clube S.A.E.R., possibilitando ao leitor conhecer um dia marcante ao de homenagear homens que contribuíram para o desenvolvimento da cidade. Em seguida adentramos o segundo tópico com relação à descrição da cidade, falando de sua sociedade e desenvolvimento econômico, presente na cultura de subsistência e como os remigenses estabeleciam relações de produção para garantir a subsistência da família e da comunidade, além de abordar os dois produtos principais que também contribuíram para impulsionar a economia da cidade. Configuramos uma breve reflexão acerca da sociedade remigense, apontando as condições econômicas de formação, estruturação e desenvolvimento da cidade e suas relações de produção pra entender o surgimento dos clubes sociais.

No segundo capítulo abordaremos questões relacionadas à chegada desses clubes na cidade, descrevendo suas estruturas físicas, bem como entender de onde vieram as ideias clubísticas que levaram os moradores a criar os clubes. Destacando como os clubes provocaram uma mudança de hábitos nos moradores, discutindo as experiências coletivas e individuais, envoltas no círculo de festividades, expressas através das vivências de seus moradores e definidas por seus habitantes ao criarem outras relações com os espaços, conforme o desenvolvimento da cidade.

Por fim, no terceiro e último capítulo, convidamos o leitor a participar das festas nos clubes, conhecendo os bailes, os desfiles dos homens e das mulheres, refletindo sobre as práticas dos remigenses em participar das festas nos clubes sociais. Analisaremos, através das fontes orais de memória, as dimensionalidades da cultura remigense presentes nas festas, identificando as diferentes pessoas, através da sua identidade, que ocuparam os espaços públicos, analisando as mudanças no cotidiano presente nas pessoas, onde ocorriam as festas e como cada um destes grupos representava e se relacionava com estes momentos e locais de lazer.

PRIMEIRO BAILE (CAPÍTULO I) - FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE REMIGENSE

1.1 Uma noite social: homenagem aos filhos ilustres de Remígio

Na noite do dia primeiro de abril de 1989, foi realizada uma festa em homenagem aos “filhos ilustres” de Remígio no clube S.A.E.R. (Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio), pela senhora Alice de Melo Cavalcante, que ficou responsável por organizar toda a festa, bem como de convidar especialmente cada homenageado.

Quando eu organizei aqui na S.A.E.R. que eu organizei a melhor festa que já houve em Remígio, modéstia à parte, foi à festa que eu homenageei os filhos ilustres de Remígio, que moravam fora e alguns daqui. Era a noite do reencontro, que eu fiz, homenageei vários filhos de Remígio (...) eu sei que foram vinte e um homenageados. (CAVALCANTE, 2014)

A festa reuniu membros que faziam parte da sociedade remigense e que contribuíram para o desenvolvimento da cidade. Houve homenagens tanto aos filhos da terra que moravam longe, quanto aos que ainda moravam na cidade. Segundo Alice Melo, a festa encarregava-se de homenagear “... os filhos que se destacavam, que se destacam e que deram o nome da cidade.” A intenção da Sr.^a Alice era justamente homenagear homens e mulheres, filhos da terra, que de uma forma ou de outra ajudaram a cidade a desenvolver-se, trazendo mudanças no meio da educação, da saúde, da política e da cultura. Mesmo que a pessoa homenageada não estivesse viva, a homenagem iria para a família do (a) homenageado (a).

Um dos homenageados foi o ex-prefeito José Bronzeado Sobrinho, que mesmo não estando presente em vida, recebeu as merecidas homenagens através de sua família. Também conhecido como Paizinho Bronzeado, foi um homem de destaque, sendo reconhecido por boa parte da população. Péricles Vitorio Serafim destaca em seu livro

Foi um vitorioso nos negócios de que participou. Durante vários anos, dedicou-se ao comércio de fibras de algodão e agave, porém, a agropecuária foi a atividade a que se dedicou com gosto e, onde teve maior sucesso, tornando-se proprietário de várias fazendas de criação de gado, bem assim, proprietário de vários sítios menores nas vizinhas de Remígio. (SERAFIM, 2012, p. 312)

Para a época, segundo os nossos depoentes, Paizinho Bronzeado era considerado um grande prestígio na economia da cidade, também teve sua participação e destaque na política local, assumindo o cargo de prefeito por dois mandatos. O primeiro iniciou no dia 31 de janeiro de 1969 e terminou em 31 de janeiro de 1973. O segundo mandato veio dez anos depois, e teve início em 31 de janeiro de 1983 e terminou com sua morte em 1984.

Além de ex-prefeitos, Alice Melo também homenageou os desembargadores, como Luiz da Costa Araújo Bronzeado, filho natural de Remígio, um homem que teve a oportunidade de estudar Direito em Recife e ajudou a trazer as ideias clubísticas para a cidade. Além de desembargador, teve a oportunidade de eleger-se para Deputado Federal por dois mandatos. Simeão Fernandes Cardoso Cananéa também filho natural de Remígio, foi o outro desembargador homenageado que teve também a oportunidade de estudar fora e trazer ideias de modernidade para sua região que morava.

Dos “filhos ilustres” da terra que Alice Melo Cavalcante fez questão de homenagear, além dos ex-prefeitos e dos desembargadores, estiveram presentes médicos como Amiro Cavalcante e Péricles Vitório Serafim, os empresários Petrônio Serafim e Geraldo Díaz, o geólogo Eronides Dias, o juiz Ruy Eloy, a professora Maria Bronzeado Machado e o Padre Monsenhor Fidelis.

A presença da orquestra vinda do Recife ficou responsável por animar a noite de homenagens no Clube S.A.E.R., marcando a festa como a noite do reencontro, um evento organizado que possibilitou reunir homens e mulheres pertencentes às famílias mais renomadas da cidade, que de alguma forma contribuíram para com o desenvolvimento da cidade. Alice Melo convidou formalmente cada homenageado e preocupou-se com cada detalhe da organização “todos vieram eu coloquei cem mesas, vendi noventa e seis. Porque tinha o homenageado e a pessoa que ia homenagear.” (CAVALCANTE, 2014)

Esta noite de festa, dedicada a homenagear cada filho responsável por contribuir com a história da cidade, nos dá ciência da participação das famílias ali presentes que receberiam uma homenagem por quem fez parte da história da cidade. Uma noite de homenagem no clube de Remígio, que nos permite conhecer ao longo dessa pesquisa, as festas realizadas em espaços sociais, entre os anos de 1960 e 1980, destacando como eram realizadas as festas nesses clubes. Além dessa noite de homenagens, houve outras homenagens, como também muitas festas e bailes com outras dimensionalidades:

Analice Bronzeado também organizou uma festa que ela fez, convidando os filhos de Remígio, só que não teve a homenagem como eu fiz assim. A única de homenagem de filhos ilustres fui eu, a ideia foi minha e foi no governo de Neto Bronzeado, Neto era prefeito. (CAVALCANTE, 2014)

Esta festa realizada no Clube S.A.E.R., nos informa alguns aspectos da sociedade remigense presente nas realizações de muitas festas e de apresentações de grandes bandas e orquestras, entre as décadas de 1960 a 1980. Além desse clube existiram outros, que também

animaram a vida de muitos remigenses, a exemplo do Centro Social João XXIII, o outro espaço que vamos trabalhar durante esta pesquisa, aos quais ambos foram palco também de memoráveis eventos, onde os festejos mantêm relações com a sobrevivência, as resistências, e os laços identitários dos integrantes do cotidiano, sendo este Centro Social, considerado um clube tradicional e muito frequentado tanto por seus moradores, quanto por residentes de cidades vizinhas.

1.2 Um passeio por Remígio: processo de desenvolvimento da cidade.

“(...) Falar do nosso Remígio
É recordar o passado,
É esperar um prodígio
Num futuro abençoado,
É ver nascer pequenino
Para seguir um destino
Em todos os dias seus,
É ser grande e sempre novo
Fazendo feliz seu povo
Com as santas bênçãos de Deus.”¹³

Através dos versos do poeta Severino Cavalcanti de Albuquerque, nascido no município de Remígio em 27 de Novembro de 1926, percebemos através da composição de seus versos encarregados de religiosidade a exaltação a sua tão amada Remígio. E é através desses versos que busco falar sobre a história do desenvolvimento da vila de Remígio até chegar à categoria de cidade, em especial sua sociedade.

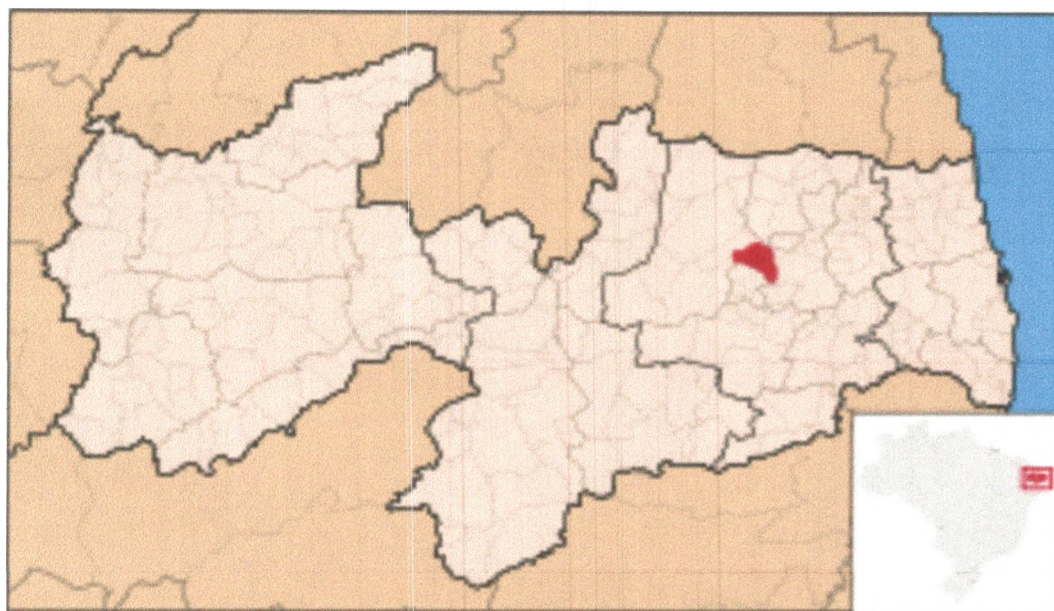
A época em que o referido poeta nasceu Remígio ainda não era emancipada politicamente. Antes de tornar-se um município houve uma série de etapas até chegar à condição de cidade em 31 de Março de 1957 ¹⁴, pois Remígio pertencia politicamente à cidade de Areia. Foi o deputado Luiz da Costa Araújo Bronzeado que elaborou o projeto de lei em 1953 para elevar Remígio à categoria de cidade, mas só veio a transformar-se em realidade em 1957.

O município de Remígio localiza-se no estado da Paraíba há 132 km da capital João Pessoa, dividido entre a região do brejo e do agreste do planalto da Borborema. Contudo, é

¹³ Versos do Poema “REMÍGIO NA PARAÍBA MINHA TERRA AMADA” do poeta remigense Severino Cavalcanti de Albuquerque, 22 de fevereiro de 1984.

¹⁴ Lei nº1.667 de 14 de março de 1957, sancionada pelo Governador Flávio Ribeiro Coutinho. Define “Art.1º - É criado o município de Remígio com sede na vila do igual nome, que fica elevada à categoria de cidade”. A lei só foi sancionada em 31 de março de 1957 como mostra o “Art. 9º - Esta lei entrará em vigor no dia 31 de março do corrente ano de 1957, revogadas as disposições em contrário.” Esse artigo está presente no projeto de número 111/53, ao qual foi publicada no Diário Oficial do Estado da Paraíba. Ver. SERAFIM, Péricles Vitorio. **Remígio Brejos e Carrascais**. 1992

um município que está inserido geograficamente na Microrregião do Curimataú Ocidental, pertencente à Mesorregião do Agreste Paraibano. De acordo com informações do IBGE ¹⁵ 2010, o município possui uma área de unidade territorial de 177, 999 Km² e uma população estimada em 17.581 habitantes.¹⁶ As cidades que fazem limite com o município de Remígio são: Areia ao leste, Algodão de Jandaíra e Barra de Santa Rosa ao oeste, Esperança e Pocinhos ao sul e Solânea ao norte. A imagem abaixo nos mostra sua localização no mapa do Estado Paraibano



Mapa 1: Localização da cidade de Remígio no Estado da Paraíba. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rem%C3%ADgio>. Acesso em 20 de Maio de 2014.

Antes mesmo de Remígio emancipar-se politicamente, seu território era mais extenso e sua população era bem mais reduzida com relação ao que informa o censo de 2010 do IBGE. Através de relatos orais de memórias passamos a adquirir poucos conhecimentos referentes à primeira povoação que surgiu nessa região, e foi através do livro de Péricles Vitorio Serafim “Remígio Brejo e Carrascais”¹⁷ (1992) que obtivemos mais informações concretas referentes ao povoado de Remígio, enquanto Vila e Distrito para depois ser elevado à categoria de Cidade.

¹⁵ IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

¹⁶ Remígio – PB. Disponível em:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251270&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas> Acesso: 02 de Junho de 2014.

¹⁷ SERAFIM, Péricles Vitorio. **Remígio: Brejos e Carrascais**. João Pessoa. Editora Universitária, 1992.

Remígio dos Reis, um viajante que desbravava o território da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, foi o responsável por dar nome ao lugar que inicialmente chamava-se apenas “Lagoas”, por possuir um pequeno povoado e conter quatro lagoas em torno da região.

Remígio dos Reis fixou moradia ao casar-se com a filha de Luiz Barboza da Silva Freire, o primeiro homem a comprar as terras das “Lagoas” e construir um rancho próximo onde hoje se localiza a igreja matriz da cidade, que servia para o descanso dos viajantes, como no caso serviu para Remígio dos Reis. Portanto, este homem impulsionou o desenvolvimento de “Lagoas” que em 1890 foi reconhecido como Distrito de “Lagoa do Remígio”, da Comarca de Areia e em 1938 eleva-se à categoria de vila.

Durante algum tempo a “Lagoa de Remígio” dependia de boa parte dos negócios e da comercialização de produtos que eram realizadas na cidade vizinha de Areia. E antes mesmo de ser independente, Remígio já possuía uma boa localização, ao qual demonstrava os primeiros passos iniciais de sua economia, como descreve Péricles Vitório Serafim¹⁸ em seu livro:

(...) a lagoa do Remígio passou a ser o primeiro ponto de parada dos tropeiros que rumavam para o oeste e o último para os que chegavam com suas mercadorias para o comércio das trocas em Areia. Natural que aí se fizesse os primeiros negócios e, a Lagoa de Remígio surgisse como entreposto natural do comércio. (SERAFIM, 1992, p. 178)

Esse entreposto comercial favoreceu e muito no desenvolvimento de Lagoa do Remígio. Antes de tornar-se vila, o Distrito de “Lagoas” já dava seus primeiros sinais de desenvolvimento, na economia, na política, na saúde e na educação. A economia de Remígio desenvolve-se a partir da década de 1940 logo após ter sido elevada a categoria de vila, adquirindo um desenvolvimento gradual, devido a sua boa localização. Portanto, falar sobre a história econômica de Remígio é uma tarefa não muito fácil, pois não há dados estatísticos que comprovem a real economia presente na época, pois a realidade é uma construção histórico-social. Mas, utilizando-se do livro “Remígio Brejos e Carrascais” de Péricles Vitório Serafim e através dos relatos orais de memória podemos delinear a produção econômica que a cidade possuía desde os primeiros anos de sua existência até aproximadamente o período de estudo desta pesquisa.

Ao passo que o distrito de Lagoa do Remígio, como era chamado, ia crescendo e desenvolvendo-se, o progresso tornava-se evidente, principalmente com o desejo de seus

¹⁸ SERAFIM, Péricles Vitório. **Remígio: Brejos e Carrascais**. João Pessoa. Editora Universitária, 1992. p. 178.

moradores verem o Distrito crescer e progredir, podendo assim tornar-se independente a ponto de ser destacável seu desenvolvimento:

Fazia três anos que não visitávamos esta florescente povoação... Fazia três anos, e dizer que encontramos, ora, muita diferença em Lagoas, não é exagero. Algumas construções feitas com gosto e arte, e, bem assim, casas comerciais de muito sortimento e, sobretudo apresentando certo cunho inerente aos lugares adiantados (...) ¹⁹. (SERAFIM, 1992, p. 49)

É notável que os produtos que eram comercializados dentro do distrito de Lagoa do Remígio, foram resultados das boas plantações presente na cultura de subsistência, produtos estes que aos poucos foram marcando uma economia que desde cedo se fez presente na história da cidade, como o próprio livro “Remígio Brejos e Carrascais” nos revela em suas páginas, demonstrando que o desenvolvimento foi lento e gradual, durante os anos anteriores ao de sua emancipação política, mais que vai melhorando com o passar dos anos.

Com a inauguração do mercado público na Vila em 1875,²⁰ este pode ser considerado como um fator determinante para que sua localização ficasse ainda mais favorável para o comércio. “A partir de 1890, Lagoa do Remígio passou a desenvolver um papel mais significativo, como centro de atividades comerciais (...)” ²¹

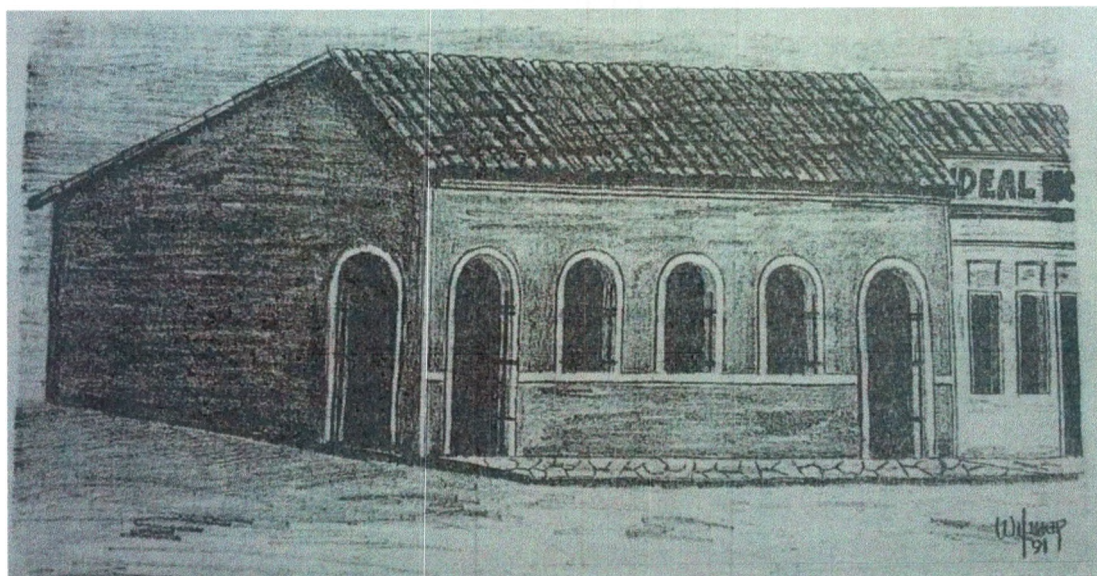


Imagem 1: Pintura do primeiro mercado público das Lagoas construído em 1875. Fonte: Livro Brejos e Carrascais de Péricles Vitório Serafim. 1992. p.179

¹⁹ Nota publicada oficialmente no jornal Correio da Serra na sua edição de 29 de Janeiro de 1910 na cidade de Areia.

²⁰ O mercado público funcionou de 1875 a 1871, cedendo seu espaço para a Telpa, e transferindo-se para a Rua Cônego Ruy Vieira.

²¹ SERAFIM, Péricles Vitório. **Remígio: Brejos e Carrascais**. João Pessoa. Editora Universitária, 1992. Pag. 181.

Com a chegada do século XX, o pequeno Distrito vê o progresso adentrando a economia, haja vista, que vários fatores contribuíram para a plantação de alguns produtos que ajudaram o lugar a desenvolver-se, aumentando assim o rendimento financeiro e o aproveitamento das terras produtivas. A começar pelo fumo que teve uma grande significação na produção e no comércio, proporcionando aos remigenses um desenvolvimento econômico até os idos dos anos de 1940, sendo um produto que perdurou por um bom tempo, considerado como um elemento propulsor do desenvolvimento urbano.

Nos idos dos anos da década de 1940 Remígio ainda não era emancipado, mas os primeiros sinais de desenvolvimento e modernização já poderiam ser percebidos através da realização de algumas festas já realizadas no clube 13 de Maio em 1948 e até mesmo com a presença de um cinema no ano de 1949, no distrito de Lagoa do Remígio. Aos poucos o distrito vai ganhando conhecimento e adquirindo formas de uma cidade, mesmo que ainda estivesse distante ocorrer a sua emancipação política. Através das palavras de nosso colaborador Cícero Gonçalves Dias:

Remígio era um, sempre teve um destaque muito grande no sisal e no algodão, era o carro chefe da economia do município, mas sempre teve é o que hoje chama-se de agricultura familiar, que todo mundo tem um sítio pequeno e fazia suas agricultura de feijão, assim cultura normal de, mas o ponto certo mesmo era o sisal e o algodão. E era justamente onde corria o dinheiro. (DIAS, 2014)

Por ser um Distrito privilegiado por sua boa localização entre os municípios, ao qual mantinha comunicação e trocas comerciais com as cidades vizinhas, Remígio teve uma boa economia, como disse o Senhor Cícero Gonçalves, voltado para agricultura familiar, onde as famílias possuíam terras férteis e bastante lucrativas, o que proporcionava uma boa estabilidade financeira e seus filhos tinham oportunidades de estudar em outras cidades, consideradas para época, como cidades de grande progresso e civilização.

A prosperidade da econômica na região deve-se ao fator da agricultura de subsistência que se destacava no setor das trocas comerciais com as regiões vizinhas. Boa parte da renda vinha das pequenas plantações de famílias remigenses, que entre as décadas de trinta a sessenta voltava-se para a cultura de subsistência. Dois principais produtos agrícolas que deram um grande impulso à economia remigense a partir da década de 1940 foram o algodão e o sisal. Não que fosse a melhor fonte de renda, mas a plantação do algodão e do sisal geravam uma boa quantidade de renda e principalmente uma renda familiar, que dava para sustentar grandes famílias.

Podemos destacar os principais plantadores desse vegetal, que foram importantes famílias de Remígio: os Freire no Jacaré, os Brito Lira em Queimadas, Manoel Bento em Pé de Serrote, Otacílio e Pedro Serafim em Cantinhos, os Maia no Corredor, Severino Bronzeado no Volume e Lagoa do Jogo, Chico Braga no Algodão. Todos esses nomes citados pertenciam às grandes famílias remigenses, as quais detinham uma posição social um pouco mais elevada, em comparação aos pequenos produtores. O Sr. Adalberto Cavalcanti Vitória também faz menção à boa agricultura que existia em Remígio

(...) e a agricultura naquele tempo, no passado, dava melhor do que, o pessoal mesmo dizia, por exemplo, o que nós temos aqui de agricultura era melhor do que o pessoal de Areia de engenho esses negócio, era em torno do sisal, o sisal era, o sisal e o algodão, aí o pessoal, corria dinheiro, dentro da cidade, corria dinheiro mesmo. (VITÓRIO, 2014)

Com relação ao algodão, outro produto vegetal primordial que ajudou Remígio a desenvolver-se, desatacou-se não só na região local, pois tomou outra dimensionalidade para outros estados. Segundo dados estatísticos do IBGE, informa que a produção na cidade entre as décadas de 1960 e 1985 atingiu 1055 toneladas²². Através desses dados que podem ser analisados no site do IBGE, constata-se o fator predominante através do qual os remigenses estabeleciam relações de produção para garantir a subsistência da família e da comunidade. O Sr. Adalberto Vitória narra que:

Sempre Remígio foi uma cidade agrícola, tudo era em torno da agricultura, o comércio em Remígio era muito fraco, aqui poucas casas de comércio, aqui você olhava as casas de comércio, Zé Leal comprava em grosso, era, tinha Cazusa e João Inácio que era o irmão dele, era um comércio aqui, mais que nunca ia pra frente, ficava aquele comércio assim, o pessoal que sempre queria alguma coisa comprava fora, e o pessoal de Remígio não tinha vontade de investir, e todo o dinheiro que entrava aqui era da agricultura.²³(VITÓRIO, 2014)

E por falar em José Leal dos Santos, este foi um grande propulsor da economia remigense desde cedo, quando chegou ao Distrito de Lagoa do Remígio em 1933, pois “desde cedo, dedicou-se ao comércio, mas, na realidade, foi um grande empresário. (...) Era um pioneiro das iniciativas que visavam o progresso de Remígio.” (SERAFIM, 1992, p.307) Zé Leal, como era bastante conhecido, negociava muito com o sisal, adquirindo assim certa estabilidade financeira, contribuindo também com a modernização do Distrito, a exemplo do cinema que nessa região chegou em 1949, trazendo consigo para o imaginário da época, o progresso.

²² FONTE: Censos Agropecuários IBGE. Op. Cit. Péricles Vitória Serafim, 1992.

²³ Entrevista concedida à autora no dia 26 de Fevereiro de 2014.

O desenvolvimento foi gradual, mas logo iam-se surgindo alguns estabelecimentos comerciais e de utilidade pública, a exemplo de uma agência dos correios em 1917, bem como de lojas comerciais e boticas que vendiam tudo aquilo que era necessário para a elegância da sociedade, além da cadeia e do mercado público. Para deleite de uma sociedade em pleno desenvolvimento, algumas pessoas contavam com barbearias, costureiras, sapateiros, entre outros e em 1925 contou com a implantação da luz elétrica ²⁴ no povoado.

Dos poucos comércios que existiam no Distrito de “Lagoa do Remígio”, o comércio do Senhor José Leal, era o que mais movimentava a região, pois além de ser um grande proprietário de terras de agave, mantinha relações comerciais com a região vizinha. Além desse, existiam casas comerciais dos mais variados sortimentos, entre eles tecidos, calçados, utensílios de beleza, papelaria, etc. Um lugar onde podia-se encontrar boa parte do que desejava a população, como nos mostra nossa colaboradora Analice Dias da Silva quando nos fala sobre as casas de comércio presente na vila:

(...) E essas lojinhas tinha. Tinha seu José Tomaz, tinha aqui agente, tinha ali embaixo, tinha seu Chico Davi, que já foi depois, no início mesmo era seu José Alves meu cunhado, aí tinha as mercearia: tinha Cazuza Monteiro tinha mercearia, vamos dizer que fosse um mercadinho, não era desse tamanho, mas que tinha de tudo, assim, vamos dizer como ali em Chico mais ou menos, tinha seu Lica, onde é hoje Roseli, ali também, que agente chamava naquele tempo de Bodega, então a bodega tinha tudo, tudo vendia na bodega. (SILVA, 2014)

Todo esse desenvolvimento econômico do Distrito está voltado para a segunda metade do século XX, quando a sociedade em si já dava os primeiros passos em direção ao desenvolvimento. Todo o cenário comercial remigense era baseado na economia de subsistência, economia esta que estava baseado principalmente na plantação de agave, dona Analice recorda “o Curimataú, o agreste era tudo cheio de agave. Ali onde os motores desfibrando agave, chegavam aqui mesmo no armazém de José Leal aí era cheio” (SILVA, 2014).

Mesmo com a presença de poucos comércios, nada impediu que o desenvolvimento da cidade de fato acontecesse, pois os filhos da terra que tinham oportunidade de estudar fora, nas grandes cidades de outros estados iam e quando retornavam, alguns deles traziam consigo o desejo de mudança, de adquirir novas práticas cotidianas.

Já com relação à questão das feiras, estas sempre foram realizadas aos domingos para não concorrer com a feira de Areia realizada aos sábados, e foi um fator muito importante que

²⁴ Foi o primeiro motor- gerador de energia elétrica, inaugurado no dia 17 de Novembro de 1925 por Joca Soares, o coronel remigense.

ajudou Remígio a desenvolver-se mais ainda, justamente por sua localização, pois pessoas das cidades vizinhas sempre estavam presentes na feira para realizar compras e trocas de mercadorias. Uma feira que atraía vários comerciantes, trazendo consigo mercadorias e novidades. A cidade por ser bem localizada, proporcionava um grande movimento de pessoas e isso era sinônimo de boa feira, com boas vendas e uma diversificação de produtos, além de ser um ponto de encontros, lugar de conversas, onde surgiam novas amizades, além de ser um amplo espaço aberto para anúncios, realizado de “boca a boca” de tudo o que ocorria na cidade. Um exemplo desses anúncios era a realização de festas nos pequenos clubes, anunciando as atrações das bandas que vinham de fora para realizar os bailes nos finais de semana.

Com o desenvolvimento do comércio e da realização das feiras, as intensificações das relações de sociabilidades foram aumentando, a feira passa a ser um espaço desejado para alguns comerciantes que viam a feira de Lagoa do Remígio como progressista, em relação às feiras realizadas nas cidades circunvizinhas, assim as pessoas se aproximavam e desejavam fixar residência, e esse fator foi fundamental para o aumento da população.

Portanto, havia toda uma relação social em torno das feiras, proporcionando um espaço diversificado em relação à cultura. O desenvolvimento econômico se faz presente em meio aos avanços modernos que a vila vai adquirindo até chegar à categoria de cidade, como nos relata o Sr. Antônio José da Silva, fazendo uma comparação da economia da cidade com a realização das festas:

Economicamente, a economia da cidade era incipiente, ou seja, estava no início, começando. Não se compara com hoje, se naquela época a cidade tivesse a condição econômica de hoje, as festas seriam bem mais badalada com certeza. Só pra animar a juventude da época mesmo. ²⁵ (SILVA, 2014)

A relação da economia da cidade com a realização das festas nos clubes sociais remigenses mostra justamente como era a participação da população em geral, entre eles, ricos, pobres, estudantes, inclusive com a diversificação da faixa etária. Muitos desejavam inibir-se socialmente, mostrando sua posição social a partir da realização e participação nos bailes.

A presença dos clubes já existentes no pequeno Distrito de Lagoa do Remígio inaugurava uma nova época em que não mais seria necessário deslocar-se do seu próprio lugar para frequentar festas nas cidades vizinhas. A sociedade detinha de espaços para realizar

²⁵ SILVA, Antônio José da. Entrevista concedida à autora no dia 18 de Março de 2014.

suas festas, haja vista que o Distrito já contava com as festas populares, a exemplo da festa da Padroeira²⁶ em que as comemorações começavam aos vinte e sete dias do mês de dezembro e se estendia pela chegada do Ano Novo, encerrando com a festa do dia de Reis no dia seis de Janeiro. As festividades populares se estendiam durante todo o ano, contando ainda com o mês de Maio, um mês simbólico religiosamente onde se rezavam todos os dias e no final do mês havia a queimação das flores em várias partes da região, logo depois a chegada do São João no mês de Junho ao ritmo do forró e de muitas comidas típicas que sempre alegravam os moradores e contavam com a participação da população que já era bem ativa.

Reunir amigos e familiares em torno dos clubes era uma nova forma de festejar, comemorar a prosperidade de Remígio. Produções festivas que iam ganhando cada vez mais espaço e reconhecimento por visitantes de fora, unindo-se em laços identitários para integrar o cotidiano presente na sociedade. Nesse sentido, apresentamos o próximo capítulo de nosso trabalho, onde o leitor ficará informado de como o Centro Social João XXIII e o Clube S.A.E.R. chegaram à Remígio, conhecendo o contexto que o cercavam e as transformações que trouxeram para a cidade modificando os hábitos de seus moradores.

²⁶ A padroeira da cidade de Remígio é Nossa Senhora do Patrocínio e o dia e o mês da padroeira é celebrado no dia vinte e sete de novembro, porém só celebrava-se no mês de Dezembro para aproveitar as festividades da chegada do Ano Novo.

CAPÍTULO II (SEGUNDO BAILE) – CONHECENDO O SALÃO: AS MUDANÇAS DE HÁBITOS ATRAVÉS DAS PRIMEIRAS ATIVIDADES CLUBÍSTICAS

O progresso do Distrito de Remígio estava evidente antes mesmo de emancipar-se politicamente, pois o crescimento populacional, acompanhado dos fatores político, cultural e econômico se faziam presentes cada vez mais. E de acordo com as palavras de nosso depoente Francisco Fábio Carneiro Leal, “Lagoa do Remígio” necessitava adquirir novos espaços para a diversão, para os festejos e confraternizações. Assim, os clubes sociais davam seus primeiros sinais de existência, “com o crescimento populacional da sede do Distrito de Remígio, houve a necessidade de criar-se um clube para a realização das confraternizações e festejos da comunidade.”²⁷

E por falar em Distrito de Remígio, vale salientar que em meados da década de 1940, Remígio ainda estava ligado à cidade de Areia, dependendo apenas politicamente, pois à medida que esse Distrito ia crescendo, os remigenses foram conquistando sua independência econômica, social e cultural, e depois de decorridos dezessete anos, o pequeno Distrito de Remígio eleva-se à categoria de cidade. Mesmo não sendo emancipada politicamente, nessa década de 1940, Remígio conhecia seus primeiros sinais de modernização com as primeiras atividades clubísticas e com a chegada desses espaços utilizados para o lazer e divertimento, que provocaram uma mudança de hábitos nos moradores remigenses.

Os clubes e espaços dançantes que foram surgindo no Distrito e, posteriormente, na cidade, nos revelam as mudanças de hábitos, interferindo no cotidiano das pessoas e possibilitando uma junção de diferentes identidades formadas e transformadas, reunidas em um mesmo local. Mesmo que as festas e os bailes se restringissem a um local fechado, os clubes pareciam misturar-se com os espaços e as pessoas da cidade, compondo assim um ambiente comum de uma cidade em festa. Pensamos a cidade de Remígio como

(...) lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções, mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade. (CERTEAU,2012, p.174)

Desse modo, Remígio abre as portas dos clubes e permite-nos adentrar seus espaços e mostrar a existência de organizações, dos estatutos, do quadro de sócios, das normas de conduta e dos códigos de valores presentes nestes locais, entre seus membros, analisando as

²⁷ LEAL, Francisco Fábio Carneiro. Entrevista concedida à autora em 20 de Maio de 2014.

experiências de homens e mulheres, especificamente os jovens que foram o público alvo responsável pelo surgimento desses novos espaços de lazer e diversão na cidade de Remígio.

Apresentamos os locais de diversão que existiam ainda quando Remígio era Distrito da cidade de Areia, antes da chegada do clube S.A.E.R. e do Centro Social João XXIII, os principais desta pesquisa, onde já se começava a sentir os primeiros momentos dedicados a prática do lazer.

A treze de Maio de 1948, criava-se no pequeno Distrito de Remígio a associação recreativa Clube 13 de Maio, passando a fazer parte dos momentos descontraídos de lazer da pequena população remigense. Por ser a primeira associação recreativa fundada, poucas informações nos foram passadas, haja vista, que as pessoas não tem recordações desse clube, apenas do “ouvi falar dos meus pais”.

Este clube existiu por pouco tempo, fez parte dos primeiros sinais de modernização da vila e contribuiu para o surgimento de outros clubes posteriormente, destinados especificamente para a prática do lazer. Existia também, dentro desse Clube um pequeno jornal, o qual promovia valores éticos e culturais da sociedade, registrando os principais acontecimentos. Porém, esse jornal também durou por pouco tempo, era o jornal *A Voz de Remígio*:

No próximo dia 13, às 19 horas, haverá em sua sede social, uma reunião na qual serão acertadas as bases para a construção de sua sede. Para esta reunião estão sendo convidados todos os sócios do Clube. ²⁸ (A VOZ DE REMÍGIO, 1948)

Criava-se assim o Clube 13 de Maio e estabelecia-se a seguinte ordem da diretoria: Presidente: Ciro Dias, Vice-presidente: Eurides Garcia, Primeiro-secretário: Antônio Umbelino, Segundo-secretário: João Inácio de Melo, Primeiro tesoureiro: Estanislau Eloy, Segundo Tesoureiro: José Tomaz Filho, Primeiro orador: Simeão Cananéa, Segundo orador; Pedro Balbino e Silva e o Bibliotecário: Boanerges Gomes Vieira.

O Clube localizava-se na principal rua²⁹, bem ao centro da vila, ao lado da residência da família Melo. “O clube 13 de maio era duas casas antes da casa de meu avô, o pai de Alice Melo minha tia, antes de abrirem a Rua da Prefeitura, tinha a mercearia do Paquinha e depois a farmácia de dona Dilza ao lado de Alfredo Laureano.” (CORREIA, 2014). Porém, com os avanços que a vila ia adquirindo e a chegada de sua municipalização, o clube funcionou por

²⁸ O Jornal *A Voz de Remígio* editado no dia cinco de dezembro de 1948, era um órgão do próprio Clube 13 de Maio.

²⁹ Hoje o nome dado à principal rua da cidade é Rua João Pessoa.

pouco tempo e a casa onde o clube funcionava foi demolida para possibilitar o crescimento da cidade e a abertura de uma nova rua onde hoje se localiza a Rua Joaquim Cavalcante de Moraes, que dá acesso a Prefeitura Municipal.



Imagem 2: Abertura da Rua Joaquim Cavalcante de Moraes. Fonte: Acervo pessoal da historiadora Rilma Suely Souza Melo³⁰

Esta fotografia nos mostra a abertura da Rua Joaquim Cavalcante de Moraes já na década de 1960. O local ainda estava sem calçamento, não havia pavimentação. Pode-se ver através da imagem que a rua ainda está em processo de finalização com trabalhadores responsáveis pela abertura da rua, que a partir dessa década de 1970 ia contar com pequenos comércios, bem como a nova localização da Prefeitura Municipal, já que esta localização da Prefeitura como vista na imagem acima não permaneceu por muito tempo, sendo transferida para o local onde hoje se encontra desde os meados dos anos 70 à Avenida Joaquim Cavalcante de Moraes, no centro da cidade.

Sobre a realização de bailes no Clube 13 de Maio, o Carnaval era o mais conhecido e o único mencionado por Francisco de Assis Melo em seu livro “Moleques do Palma”. Conhecemos o período carnavalesco em toda sua história como uma festa que atrai muitas pessoas, por conter muita folia, descontração e troca de experiências coletivas e assim eram

³⁰ Historiadora e Professora orientadora da Prefeitura Municipal de Remígio – PB.

realizados os bailes de Carnaval no Clube 13 de Maio, envolvendo a pequena população que existia na época, onde a sociedade podia divertir-se e festejar coletivamente, pois “O salão do Clube 13 de Maio ficava repleto. Confetes, serpentinas, fantasias multicores e belas garotas eram os ingredientes do sucesso”.³¹ O Distrito contou com esse clube durante poucos anos, possibilitando o surgimento de novos espaços maiores que atendesse a demanda da população.

No ano seguinte, no dia 08 de Setembro de 1949, foi à vez de o cinema dar o ar de sua graça no pequeno Distrito de Lagoa do Remígio, trazendo consigo mudanças de hábitos e muita diversão. Era o Cine São José, do Sr. José Leal dos Santos³², um grande incentivador da cultura remigense, e considerado um homem importante por toda a sociedade por trazer aspectos de modernidade e civilização para a vila de Remígio, que estava em pleno desenvolvimento. A historiadora Elizabeth Cristina do Nascimento Cunha relata em seu trabalho monográfico a mudança que o cinema trouxe para a cidade:

(...) o cinema tornou-se um lugar para receber as novidades, bem como para realizar eventos da cidade em que todos se reuniam numa espécie de clube social, configurando o cinema como um espaço oficial de sociabilidade e lazer dos remigenses. (CUNHA, 2012, p.72)

Citamos o cinema, como um espaço de lazer que também fora utilizado pelos remigenses para reunir as pessoas em volta do mesmo ideal, que é a diversão. Junto com o cinema, vieram também algumas transformações na vila, já que esse equipamento tão moderno trazia investimentos para a vila, abrigando espectadores de outras cidades circunvizinhas, que juntos compartilhavam sentimentos de alegria, companheirismo, ansiedade e paixão, tanto pelos jovens nos momentos de paquera, quanto pelo cinema.

Como podemos perceber durante os finais da década de 1940 a modernização se fez presente no Distrito e trouxe consigo mudanças no cotidiano das pessoas. Mudanças essas que foram percebidas e vivenciadas e que também foram adquiridas na medida em que a vila ia crescendo e criando formas de cidade. De certo modo, essas modificações causaram uma transformação da paisagem urbana, as quais a sociedade ia experimentando novas formas de vestir-se, de andar, de falar e de frequentar novos lugares na pacata vila. O fato sobre a vila ir tomando forma de cidade, segundo D’Assunção Barros, deve-se a:

³¹ MELO, Francisco de Assis. Templo de folia. In: **Moleques do Palma**. Editora Imprell, 2009. p. 69.

³² José Leal dos Santos, natural de Barra de Santa Rosa, logo se mudou para Remígio com a família, onde cresceu como um grande empresário e era pioneiro das iniciativas que visavam o progresso de Remígio. Foi por volta de 1940 tornou-se proprietário do motor de luz e logo introduziu o cinema na vila de Remígio. Op. Cit. Péricles Vitorio Serafim. Op. Cit. 1992.

(...) uma determinada imagem do que seja ou deva ser a cidade pode estar implicada na sua própria formação primordial e nas suas subsequentes transformações. Os próprios homens que se unem para constituir uma cidade já começam a interferir nos seus destinos formais nos primeiros instantes. (BARROS, 2012, p. 22-23.)

A partir da década de 1950 quando Remígio estava cada vez mais próximo de torna-se município e o desenvolvimento estava mais evidente, outros clubes foram surgindo, ganhando conhecimento e prestígio por seus frequentadores. Recolhemos na memória de nossos colaboradores, informações precisas acerca da chegada desses clubes, bem como da realização de suas festas. Desse modo, é possível analisarmos através de seus relatos orais, suas experiências vividas naquela época, como nos fala nosso colaborador Adalberto Vitório:

O povo de Remígio era louco por festa aqui, toda a vida as famílias frequentavam e iam a família completa. Hoje só vai mais a geração nova, mais antigamente os casais mesmo iam com toda a família levavam todo mundo. E sempre quem frequentava era os familiares. (VITÓRIO, 2014)

A sociedade remigense desejosa de possuir locais destinados à realização de festas na cidade, logo foram incentivadas por homens fazendeiros, comerciantes, políticos e até mesmo religiosos. Eram as novas práticas que iam surgindo na vila de Remígio e junto o envolvimento de muitas histórias, muitos acontecimentos e muitas realizações. O padre Ruy Barreira Vieira³³ foi um grande incentivador da cultura remigense, proporcionando a esta população compartilhar momentos de diversão no Centro Social João XXIII. É através dos versos do poeta Severino Cavalcanti de Albuquerque (1926) que conhecemos a presença de padre Ruy nessa localidade e sua contribuição cultural

Remígio que pertencia
A paróquia de Areia,
Com Padre Ruy recebia
Benefícios de mão de cheia,
Cito o Centro Social
João XXIII que afinal
É de grande utilidade,
Tanto em festas sociais
Como em peças teatrais
De nossa sociedade.³⁴

O Centro Social João XXIII surgiu no ano de 1956, no período em que Remígio estava às vésperas de emancipar-se politicamente. O Padre Ruy Barreira Vieira após assumir seu sacerdócio na cidade de Areia em 1949 começou a renovar muitos espaços destinados a educação dos jovens, tanto na cidade de Areia, quanto em Remígio ao fundar o Centro Social.

³³ Ruy Barreira Vieira nasceu na cidade Areia no dia 24 e Julho de 1921, assumindo seu sacerdócio em 1944 na capital João Pessoa, retornando a Areia em 1949. A essa época Remígio ainda pertencia a Areia e a Paróquia de Remígio só foi instalada em 1965.

³⁴ ALBUQUERQUE, Severino Cavalcanti de. **Dados históricos de Padre Ruy Vieira**. 1985.

Sua localização de fácil acesso, na rua que dava acesso a paróquia da vila, serviu logo após a emancipação política de Remígio para o deleite da sociedade remigense, cedendo seu espaço para a realização de encontros e promover festas sociais.

Com o tempo, quando Remígio elevou-se a categoria de cidade, logo ao lado surgiu à antiga Escola Doméstica Rural Nossa Senhora de Fátima, uma instituição ligada a Escola de Agronomia de Areia em 1955, local este que funcionou como uma escola de artesanato, onde as moças estudavam corte e costura, arte culinária, pintura e bordados, entre outras modalidades. Esse Centro Social funcionava como clube do qual sempre dispunha a sociedade remigense. “Grandes orquestras ali se apresentaram animando bailes (Ogírio Cavalcante, Os Novacap, etc.) para deleite de uma sociedade provinciana, porém vaidosa e de um extremo bom gosto.” (MELO, 2009, p.24)

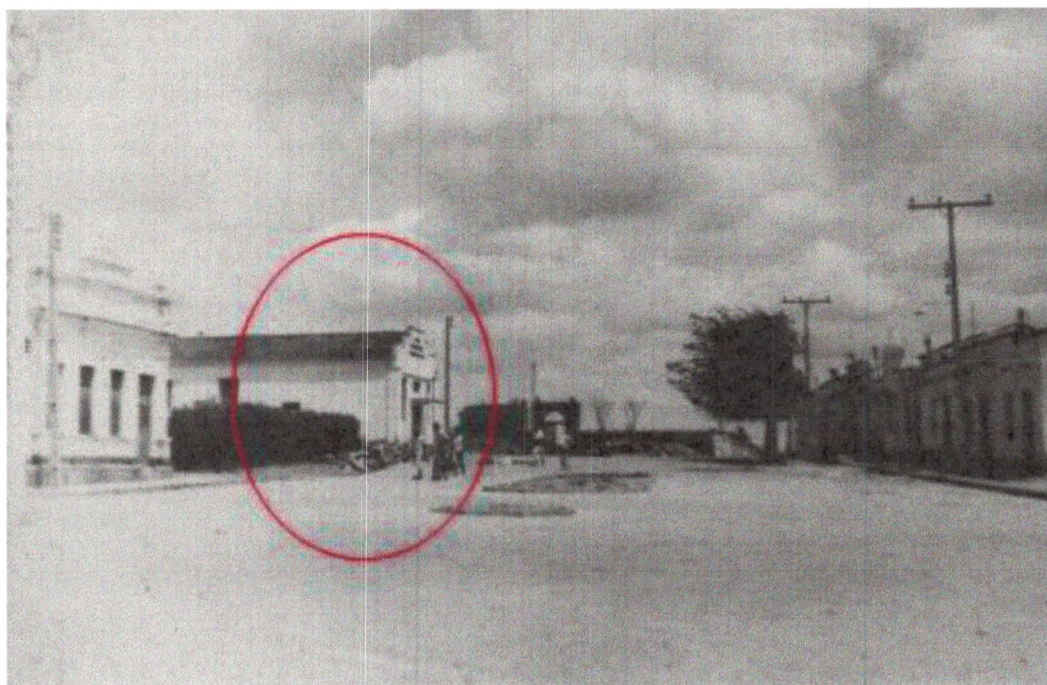


Imagem 3: Localização do Centro Social João XXIII. Década de 1960. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Essa fotografia nos mostra a localização do Centro Social João XXIII, no início da década de 1960, na rua que hoje é conhecida como Luiz Barboza. As poucas casas e o amplo espaço vistos na imagem nos dão uma ideia do pouco número de habitação que existia naquela época, se comparada à habitação dessa rua nos dias de hoje. Afinal, possuir um local destinado à festa, necessitava mesmo de um amplo espaço, que oferecesse conforto e tranquilidade para seus frequentadores. Anos depois, com o crescimento da cidade, foi

construída uma praça bem em frente ao Centro Social João XXIII, possibilitando aos seus moradores um novo cenário urbano.

Padre Ruy Vieira foi o primeiro vigário a incentivar os jovens a participarem e organizarem as festividades da cidade. Um homem que estava sempre à disposição, ajudando como podia, disponibilizando recursos que auxiliassem os jovens a divulgar as festividades por eles organizadas. Chegou a fundar o JAC (Juventude Agrária Cristã) a qual auxiliava os jovens da zona rural que não tinham condições de estudar. A senhora Maria José Pereira recorda que

Padre Ruy fazia questão de dar essa assistência porque ele foi um padre que não se preocupava só com o espírito ele se preocupava com o todo das pessoas principalmente com os jovens, ele fazia tudo para que os jovens estudassem, tivessem uma profissão e muitos ainda lhes conseguia um trabalho.³⁵ (PEREIRA, 2014).

Era nesse espaço da JAC, que muitos jovens se encontravam para poder descansar, nos dias em que não dava tempo ir para suas casas na zona rural. Nesse tempo de reunião e de encontros, os jovens planejavam-se e organizavam-se as festividades a serem realizadas no Centro Social João XXIII.

Foi neste Centro Social João XXIII que a população remigense desfrutou de palestras, encontros culturais e sociais, presentes nas festas que se realizavam em seu interior. Era um espaço que também se destinava à realização de bailes de formaturas, festas de casamentos e aniversários de quinze anos das moças da cidade, bailes de carnaval, festas de São João, entre outras festividades.

Padre José Fidelis, foi outro homem religioso remigense e, segundo os depoentes, um grande incentivador das manifestações culturais remigenses presente no Centro Social João XXIII. Filho do Sr. Juvino e Dona Mariinha Fidélis, que moravam nas proximidades da vila em Gruta de Tanques. O padre Fidélis é lembrado por boa parte da população como um homem que apesar de ser religioso, sempre deu total apoio à cultura remigense, voltados especificamente para os jovens. Com isso, boa parte das festas que eram realizadas no Centro Social João XXIII, eram organizadas pelo padre Fidélis.

O fato é que deu todo apoio às manifestações culturais da nossa geração. Assim, era Padre Fidelis um incentivador dos jovens. Sempre atendia aos nossos pedidos, mas também repreendia-nos quando desaprovava algumas das nossas atitudes, fossem individuais ou coletivas. (MELO, 2009, p.140-141)

³⁵ PEREIRA, Maria José. Entrevista concedida à autora em 29 de Maio de 2014.

Não podemos deixar de lado essa importante contribuição que o Padre Fidelis ajudou com o desenvolvimento da cidade e também com manifestações culturais, bem como de apoiar os jovens remigenses, possuidores de toda animação para participar dos eventos que o padre realizava. Ele sempre procurava ser um incentivador de cultura, voltado para os jovens, independentemente da classe social a que o jovem pertencia.

Outros jovens estudantes remigenses também contribuíram para a disseminação de ideias clubísticas na cidade, como é o caso de alguns estudantes filhos dessa sociedade, que tinham a oportunidade de estudar fora, nas grandes cidades, e ao retornarem traziam consigo ideias modernizantes. Alguns desses jovens remigenses tinham a oportunidade de adentrar a uma universidade nas cidades como João Pessoa e Recife e de lá saíram muitos advogados, médicos, professores e engenheiros. E não precisava ir muito longe para ter conhecimento ou poder frequentar algum clube, pois a poucos quilômetros de Remígio, estava Campina Grande³⁶ detenta de vários clubes sociais. O remigense biólogo, Francisco Fabio Carneiro Leal, nos mostra o estímulo que estava presente nas pessoas para criar os clubes:

A sociedade, principalmente os mais abastados, com ideias trazidas de outros centros mais desenvolvidos, haja vista que diversos remigenses estudavam em cidades como João Pessoa, Recife, etc. (LEAL, 2014)

A família Bronzeado possibilitou um grande desenvolvimento à cidade de Remígio, tanto é que essa família tinha oportunidade de mandar seus filhos para as grandes cidades e até para outros estados em busca de uma boa formação. Com isso, as ideias clubísticas foram inicialmente trazidas e implantadas na pequena cidade pelos jovens pertencentes à família Bronzeado.

Em meio a uma família numerosa, com raízes profundas no meio rural, nasce no ano de 1934, Luiz da Costa Araújo Bronzeado, filho de Severino Alves de Araújo Bronzeado e Olívia Alves da Costa, que nasceu na Fazenda Serrinha, em Remígio. Casou-se com Criselides, do qual nasceram três filhos. Considerado como filho ilustre, logo deu novas dimensões à terra remigense, projetando com força o nome da família Bronzeado. Pela boa condição financeira de seu pai, Luiz Bronzeado cursou Direito e logo após sua formação acadêmica como advogado, voltou à sua terra com várias ideias de mudança e progresso.

³⁶ Ver SOUZA. Antonio Clarindo Barbosa de Souza. “Os clubes sociais em Campina Grande: espaços de sociabilidade, lugares de exclusão”. In: **Culturas e Cidades**; Campina Grande: EDUFCG; 2009.



Imagem 4: Deputado Luiz da Costa Araújo Bronzeado em pronunciamento a emancipação política de Remígio em 1957. Fonte: Acervo pessoal da historiadora Rilma Suely Souza Melo

A imagem nos mostra o momento em que Luiz Bronzeado esteve presente na política remigense participando da emancipação política no ano de 1957. Remígio deve a independência administrativa à Luiz Bronzeado, que apresentou o projeto de lei de 1953, a qual veio a transformar-se em realidade, no ano de 1957. Ocupou cargos públicos e políticos de grande importância para sua vida, tornando-se um grande paraibano pelos cargos ocupados ao longo de sua vida pública. Tornou-se Deputado Estadual e Federal em quatro mandatos, entre 1959 e 1967, além de ocupar cargos como Promotor Público, Delegado de Polícia e Desembargador da Paraíba.

Por meio das influências políticas e da credibilidade que a sociedade depositava na pessoa de Luiz Bronzeado, no ano de 1958, Luiz Bronzeado como representante na Assembleia Legislativa do Estado, trouxe para a cidade de Remígio uma instituição filantrópica, adquirida com recursos do governo federal para a fundação de uma Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio, mais conhecida como S.A.E.R. com a finalidade da fundação de uma sociedade que servisse como ajuda aos estudantes de Remígio, com a intenção de auxiliar a estes jovens no que fosse preciso para que todos tivessem o direito de estudar, como consta a Ata de fundação e o Estatuto de 10 de Novembro de 1958 presentes no Capítulo I do seguinte artigo:

Art. 2º- A sociedade tem por finalidade proporcionar amparo, ajuda e orientação ao estudante remigense, zelando e cuidando inclusive pelos menores em geral a quem dará integral assistência propondo-se:

§ 1 Acompanhar a vida dos menores encaminhando-os as escolas primárias orientando-os no caminho certo.

§ 2 Concorrer para a reeducação dos desajustados combatendo e evitando a delinquência e mendicância infantis amparando e ajudando aos menores abandonados.

§ 3 Amparar, desenvolver e estimular a aprendizagem industrial.

§ 4 Orientar e estimular a mocidade remigense para que prossiga nos estudos após a conclusão do curso primário.

§ 5 Fornecer ajuda material aos estudantes reconhecidamente pobres.

§ 6 Manter um transporte coletivo para condução diária dos estudantes remigenses à cidade de Areia ou Campina Grande.

§ 7 Instituir bolsas de estudo para o curso superior de modo a permitir que os concluintes pobres tenham assegurado o prosseguimento dos seus estudos após o curso de colégio;

§ 8 Promover festas cívicas sociais, recreativas e culturais para desenvolvimento da juventude;

§ 9 Manter em sua sede social instalações condignas aos estudantes;

§ 10 Procurar por todos os meios ao seu alcance facilitar a instrução e educação da mocidade remigense.³⁷

O Clube S.A.E.R. surge em meio a uma sociedade em busca do progresso no campo do conhecimento, “auxiliando os jovens no que fosse preciso para possuir uma boa educação”³⁸. Esse clube contava ainda com os sócios que eram formados pelos representantes políticos da cidade e por alguns pais dos estudantes, eles mesmos, de acordo com o estatuto encarregavam-se de criar as normas de comportamento. Assim sendo, o Capítulo II – Dos sócios e seus deveres - do estatuto estabelece deveres para os sócios, que são divididos em quatro categorias: os sócios fundadores; os sócios efetivos; os sócios beneméritos e os sócios honorários, portanto, devem:

Art. 6º Trabalhar em favor da sociedade para melhor êxito dos seus fins. Pagar pontualmente as suas contribuições. Aceitar os cargos de direção ou comissão para os que forem eleitos ou nomeados, exercendo-os com dedicação e perfeito alcance das suas obrigações sociais.³⁹

³⁷ Ata de Fundação da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio (S.A.E.R.) 10 De Novembro de 1958. P.1-2.

³⁸ BARRETO, José Antônio Martins. Entrevista concedida à autora em 19 de Julho de 2014.

³⁹ Os deveres dos sócios fundadores e efetivos presente no Art. 6º. p. 2 da Ata de fundação da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio.

A organização da sociedade contava em seu estatuto com os seguintes órgãos: Diretoria, Conselho Deliberativo, Conselho Fiscal e Assembleia Geral. Estavam aptos a assumir toda e qualquer responsabilidade, tomando decisões através das reuniões convocadas por todo o quadro de órgãos. Assim o estatuto só poderia ser “reformados por deliberação do Conselho Deliberativo” e também contava com a ajuda da “Assembleia Geral que decidirá com metade mais um dos seus componentes.”⁴⁰

Outra grande contribuição que Luiz Bronzeado conseguiu trazer para Remígio foi o ônibus da S.A.E.R. (Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio), como consta o inciso 6º do capítulo I da Ata de fundação, do qual os estudantes remigenses dispunham desse ônibus para transportá-los todos os dias para a cidade de Areia, alunos estes que estudavam no Colégio Santa Rita, e também estudantes universitários da Universidade Federal da Paraíba, atual Campus II de Ciências Agrárias que também fica localizado na cidade de Areia. Entre os condutores do ônibus destacamos o primeiro motorista José Francisco, mais conhecido como “Zé da burra”. Depois vieram Valdeci Carneiro, Cícero da Saelpa, entre outros. Sobre a conquista desse ônibus a senhora Analice Dias da Silva recorda que:

Isso foi uma doação que Luiz Bronzeado conseguiu do ônibus e o objetivo maior era transportar os alunos para a cidade de Areia, tanto de nível médio, quanto de nível superior, só que a partir daí, como existia uma Associação, então toda a sociedade de Remígio fazia parte, era sócio, mesmo que não tivessem filho ainda né? Estudando e usando o ônibus, mas todo mundo era sócio. (SILVA, 2014)

Percebemos através desse relato que Luiz Bronzeado, mesmo ocupando cargos políticos de importância, contribuiu de maneira política e cultural para a formação educacional dos jovens remigenses, auxiliando-os com a aquisição de um ônibus escolar, formando uma Sociedade tanto para os estudantes, quanto para as suas famílias, embora esse auxílio fosse destinado às famílias que possuíam certa situação financeira. Essa sociedade privilegiada podia contar com a ajuda do então Deputado para fins educacionais, pois a educação era um fator de fundamental importância e, portanto, mesmo os filhos mais abastados podiam contar o auxílio da S.A.E.R. em busca de uma formação profissional.

O Clube S.A.E.R. por contar com um espaço de apoio estudantil tratava-se também de espaços de sociabilidade nos quais eram valorizados pelos moradores da própria cidade nos quais foram formados. Assim de acordo com as palavras de Luiz Bronzeado presente no estatuto, ele se dispõe, “prometendo toda a sua ajuda, quer na Assembleia Legislativa, quer na

⁴⁰ Artigo 27º da Ata de Fundação da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio, p. 5.

Comarca Federal para a qual havia sido eleito, não poupando esforço para a concretização das finalidades da S.A.E.R.”⁴¹

Esta fotografia abaixo, da década de 1960, nos é permitido ver as alunas que estudavam no Colégio Santa Rita, na cidade de Areia e que utilizavam o ônibus da S.A.E.R. A educação nessa época era primordial e um direito destinado à boa parte das jovens, que dedicavam-se sempre aos seus estudos. Podemos analisar ao fundo da imagem algumas edificações de casas na cidade de Remígio, bem como a presença da luz elétrica, que pode ser percebida através dos postes de iluminação. É interessante observar também a presença de uma freira no meio das estudantes, cuidando das moças, sempre as acompanhando em seu trajeto escolar diário.



Imagem 5: Alunas do Colégio Santa Rita: a busca de uma formação integral. Fonte: MELO, Francisco de Assis. Moleques do Palma. 2009: p. 93

É possível ainda observar nesta fotografia, o caminhão Chevrolet do ano de 1956, o qual pertencia a José Pereira da Silva⁴² e que logo foi adquirido através do recurso financeiro do governo federal por meio de Luiz Bronzeado. Era um ônibus montado na carroceria de um caminhão, todo feito em madeira com estribo de bagageiro, utilizado pelos estudantes de

⁴¹ Ata de fundação da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio. p. 6.

⁴² O Senhor José Pereira da Silva da cidade de Esperança começou sua frota de viagens através desse ônibus e atualmente é dono da Viação São José.

Remígio. Destacamos também as vestimentas das alunas, todas bem uniformizadas, calçadas, bem penteadas e com o objeto que mais as identificavam que eram seus cadernos. Nessa década de 1960 poucas famílias tinham condições de matricular suas filhas e seus filhos em um colégio particular, como era o caso do Colégio Santa Rita.

Nesta outra imagem, acompanhamos os estudantes do sexo masculino, aqui jovens garotos posicionam-se em frente ao ônibus S.A.E.R. e mostram também o interesse estudantil, percebido através dos livros segurados em baixo do braço. Todos os garotos da fotografia estão uniformizados, bem posicionados, obedecendo a uma rotina diária em busca do conhecimento. Dos meninos que estão nesta fotografia saíram muitos profissionais e nosso colaborador Cícero Gonçalves Dias, recorda que “muitos dos que são formados, doutores, mestres, professores, se utilizavam do ônibus da S.A.E.R. e participavam das festinhas no Clube.”⁴³



Imagem 6: Alunos do Ginásio Coelho Lisboa, em Areia. Fonte: MELO, Francisco de Assis. Moleques do Palma. 2009: p. 84

O fotógrafo deixa nítida na imagem a posição bem colocada dos alunos e do motorista, em frente ao ônibus S.A.E.R. Este ônibus que conduziu por um bom tempo muitos estudantes,

⁴³ DIAS, Gonçalves Cícero. Entrevista concedida à autora em 26 de Fevereiro de 2014.

com sonhos de serem futuros profissionais / doutores. É o que lembra o Sr. Francisco Fabio Carneiro Leal sobre o famoso ônibus da S.A.E.R. em seu blog “Meu Remígio”

Tornou-se um rito. Todo dia, Sua Majestade estacionava pontualmente às 06h00min e às 12h30min em frente à Prefeitura Municipal, na Rua João Pessoa. Limpo, cheiroso, impecável. O condutor com a indumentária completa, muito educado e atencioso. Abria a porta e cavalheiramente solicitava a entrada das senhoritas e depois, dos marmanjos. Todos perfeitamente vestidos como manda o figurino, ou melhor, conforme as determinações da Madre-Diretora do Colégio Santa Rita e da direção do Colégio Estadual de Areia.⁴⁴

A fotografia nos possibilita atribuir significados e realizar leituras em torno da imagem, objetivando uma interpretação da década de 1960 em Remígio, possibilitando a junção de jovens entre eles rapazes e moças em busca de uma formação escolar e que juntos conseguiram manter durante muito tempo o clube S.A.E.R. Tal análise condiz com o pensamento de Severino Cabral Filho (2009.p. 33), para o qual a fotografia é considerada um “produto de um determinado meio social cuja compreensão passa pelo conhecimento da visão de mundo compartilhada pela sociedade em estudo.”⁴⁵

Alguns estudantes da época tinham mesmo o objetivo de manter o clube, pois a sociedade precisava desse novo espaço para as suas promoções sociais. Além de festas sociais, eram realizados bailes de debutantes, confraternizações, desfiles, exposições de artes, homenagens, entre outros eventos de cunho cultural. O clube tinha um ideal em torno do lazer, e seus frequentadores faziam deste um motivo de união, onde boa parte das pessoas entre homens e mulheres, jovens e adultos mostravam seus laços identitários em todos os momentos vivenciados dentro dos clubes, como recorda à senhora Alice Melo Cavalcante:

Aí justamente era onde que tinha o ônibus que levava os estudantes pra Areia. De manhã levava as moças para o Colégio Santa Rita e a tarde levava os rapazes para o colégio. Aí era um ponto onde o ônibus parava escrito o nome S.A.E.R. Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio. Era realmente um clube, onde tinha festas de casamentos, assim, dos melhores casamentos, a recepção era lá, como o de minha irmã, de Nevinha Melo de Ana Maria Thomaz, de Verônica Carneiro. Os sócios, então todo mês pagavam uma determinada quantia, para segurar, pagar energia, pagar funcionário e o ônibus que agente viajava também tinha uma contribuição, que era pra pagar o motorista, gasolina. A S.A.E.R. tinha sócio, tinha a diretoria, era formado pelo presidente, o vice-presidente, secretário e assim ia à diretoria todinha. Era muito bem organizada a S.A.E.R.⁴⁶

⁴⁴ Passagem retirada do Blog Meu Remígio: <http://meuremigio.blogspot.com.br/2011/08/o-onibus-da-saer.html> Acesso em 13 de Julho de 2014.

⁴⁵ CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens**. Campina Grande, UFCG, 2009. P.33.

⁴⁶ CAVALCANTE, Alice Melo. Entrevista concedida à autora em 03 de Abril de 2014.

A fotografia a seguir, nos mostra as linhas arquitetônicas do Clube S.A.E.R., sendo considerada uma inovação material que chegara a cidade e que trazia consigo o lazer, a diversão, um local de encontros, da formação de diferentes identidades que passaram a ser resignificadas com a chegada do clube.



Imagem 7: Sede da SAER (Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio). Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid.//> Acesso em 02 de Julho de 2014.

Com esta fotografia do Clube S.A.E.R. de 1970, analisamos sua estrutura física, com linhas arquitetônicas consideradas modernas para a época. Não é possível ver seu interior, e não encontramos fotografias que permitissem a visualização do espaço interno do clube e segundo Francisco de Assis Melo “Para a época estava bem localizada, visto ainda não ser aquela área bem habitada. Existia o recente prédio da prefeitura e, de frente algumas casas remanescentes (...)”⁴⁷

Tanto o ônibus, quanto o Clube S.A.E.R. tornaram-se para a cidade “um símbolo material do conhecimento remigense”⁴⁸, para o qual tanto os estudantes quanto suas famílias podiam desfrutar desse espaço, sendo considerado uma conquista para a sociedade remigense

⁴⁷ MELO, Francisco de Assis. Anos Dourados. In: Moleques do Palma. 2009, p.24.

⁴⁸ LEAL, Francisco Fábio Carneiro. Entrevista concedida a autora em 20 de Maio de 2014.

poder usufruir tanto em festas sociais e culturais, quanto em reuniões. A Sr. Analice Dias da Silva nos informa como ocorreu todo esse processo:

Aí com isso foi criado, foi uma doação do terreno e foi construída a sede, que a S.A.E.R. passou a ser além de a sede Associação de Amparo ao Estudante de Remígio, além de ter a associação passou-se a sede de associação. Também era o local de realização de grandes festas, e todas essas festas tinham o percentual que era dado para a associação, que era uma instituição filantrópica. (SILVA, 2014)

Antes mesmo que os clubes sociais fossem construídos na cidade, os jovens cidadãos remigenses frequentavam clubes das cidades vizinhas, como o Areiense em Areia e o Caobe em Esperança, além dos outros clubes nas cidades de Cuité e Solânea, onde grupos de amigos participavam ativamente de festas em outras regiões e isso possibilitou aos jovens, um novo interesse em instituir clubes com a finalidade de divertir-se.

Tanto o Centro Social João XXIII, quanto a S.A.E.R., reuniam os moradores da cidade e de outras regiões vizinhas e convertiam-se em centros que proporcionavam divertimento e recreações diversas para seu público. Mais do que festas e bailes, eles podiam encontrar em seus salões, como define o Sr. Francisco Fábio Carneiro Leal “Confraternizações, casamentos, bailes de debutantes, festas, teatro e outras atividades socioculturais” (LEAL, 2014). Isso permitia que os clubes contribuíssem como espaço de lazer, sociabilidade e construção de identidades.

Além do uso de seus salões para a realização das mais diversas festas, existia também o uso do clube como um espaço para a realização de jogos. É o caso da S.A.E.R. que reunia muitas vezes os estudantes para outras atividades...

Aí com isso foi criado, foi uma doação do terreno e foi construída a sede, que a S.A.E.R. passou a ser além de a sede Associação de Amparo ao Estudante de Remígio, passou-se a sede de associação também. Era o local de realização de grandes festas, e todas essas festas tinham o percentual que era dado para a associação, que era uma instituição filantrópica. E aí tinha, por exemplo, final de semana tinha época pingue pongue, mesas de pingue pongue, tinham todos os tipos de jogos, depois foi feito uma extensão lá pra trás aí tinha uma salão, uma quadra de jogos, entendeu, ela foi se ampliando.⁴⁹

Mais do que simples momentos de lazer para os homens que trabalhavam e estudavam durante toda a semana e diversão para boa parte de seus frequentadores, tanto os da própria cidade, como os das cidades vizinhas. Muitas pessoas de diferentes classes sociais chegaram a frequentar o Clube S.A.E.R., os bailes realizados nesses espaços apareciam como momentos privilegiados para a unificação das mais variadas identidades e construção de práticas. E

⁴⁹ SILVA, Analice Dias da. Entrevista concedida à autora em 20 de Maio de 2014.

mesmo que toda a população não pudesse frequentar esses espaços onde eram realizados os bailes, havia momentos que propiciavam encontros e reencontros entre seus frequentadores. Era a época que propiciava também a afirmação de diferentes práticas e valores culturais.

No próximo capítulo convidamos o leitor a ir aos clubes, passeando pelas ruas centrais da cidade, exibindo seus belos trajes, observando o movimento na entrada dos clubes e aproveitando para paquerar aquelas moças tão bem vestidas e cheirosas, logo depois apreciar uma boa música, conhecendo o ritmo dos bailes e dançando ao lado das moças e rapazes vaidosos. Será um momento em que vamos tentar revisitar, através dos relatos orais de memória, as festas sociais presente, tanto no Clube S.A.E.R., quanto no Centro Social João XXIII.

TERCEIRO BAILE (CAPÍTULO III) - ANDANDO PELAS RUAS, BAILANDO NOS SALÕES, CONHECENDO A PREPARAÇÃO ANTES DO BAILE.

As noites sociais remigenses entre o final da década de 1960 e 1980 são descritas pelos nossos depoentes com muita alegria e animação, repleta de saudações aos bons tempos que frequentavam as festas nos clubes. Por todo o ano eram realizados bailes nos Clubes, envolvendo jovens e adultos, estudantes, comerciantes e fazendeiros. Durante a semana a preparação para os bailes, os desfiles, e no final de semana, a realização das festas com as mais elegantes produções.

A cidade de Remígio passou a contar com a presença do Clube S.A.E.R. e o Centro Social João XXIII que foram surgindo como novos espaços específicos para reunir uma parte da população, realizando seus bailes e outras diversas festas sempre aos finais de semana, desfrutando de momentos de descontração e entretenimento, estabelecendo relações coletivas, tanto é que seus sócios mostravam ter nos clubes um elemento de identidade, criando laços expressos nos momentos de diversão. Essa identidade construída vai se adaptando a um determinado grupo e se apropria de seus valores, como afirma Stuart Hall:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas tem a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos (HALL, 1997,109)

Com isto, os remigenses passaram a desenvolver nos clubes sociais “parte de suas atividades de lazer, estando à constituição dos clubes da cidade muito ligada à estrutura social da mesma.”⁵⁰ Através destas atividades de lazer realizadas no interior dos clubes houve a modificação do cotidiano de seus frequentadores, adaptando-se às atividades clubísticas.

A S.A.E.R. era bem frequentada, me lembro de tantas festas que fui acolá, e o Centro Social também, as festas tudo ali, é. Formavam mesas de um lado e de outro, tinha festa de São João e o povo fazia outros tipos de festas também por lá, né? (VITÓRIO, 2014)

Embora os clubes não atingissem a todas as camadas sociais da população, estes surgiram como um amplo espaço de sociabilidades, pois a prática de ir aos clubes nos finais de semana atingia boa parte da sociedade e alegrava seus frequentadores, assim a ida aos clubes gerava oportunidade de descontração e entretenimento após uma semana de muitos

⁵⁰ SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. “Os clubes sociais em Campina Grande: espaços de sociabilidade, lugares de exclusão.” In: *Culturas e Cidades*; Campina Grande: EDUFPG; 2009.p. 72.

estudos e trabalhos, de animação, de reunião com a família e amigos, de namoros permitidos e proibidos, de divertimento.

O cenário urbano da nova cidade interiorana contou com a conquista material da S.A.E.R. por Luiz Bronzeado e do Centro Social João XXIII pelo padre Ruy Vieira, possibilitando um novo território de convívio, um espaço a mais de sociabilidade, garantindo o lazer e a diversão das famílias que saíam de suas casas para frequentar os clubes nos finais de semana, na certeza de encontrar um espaço aberto a conquistar novas amizades e relações amorosas. Nesse sentido a cidade se caracterizava como um lugar de sociabilidade, pois “ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos.”⁵¹

Foram esses novos comportamentos e hábitos que foram surgindo com a presença dos clubes ainda quando Remígio estava ligado à categoria de vila, e a disseminação de outros clubes quando tornar-se cidade, que possibilitaram aos remigenses o não deslocamento para outras cidades como Areia, Esperança, Solânea, Cuité, entre outras que compõem o quadro das cidades circunvizinhas que possuíam seus clubes sociais, frequentados por muitos remigenses. Com isso, o intenso fluxo de pessoas aumentava nos dias de realização dos bailes nos clubes sociais da cidade de Remígio.

A movimentação na cidade durante os finais de semana em que se realizavam as festas agitava o comércio local: as lojas de sapatos, de tecidos, as barbearias, os salões de beleza e as casas das costureiras sempre repletas de muitos clientes. Os dias de Feira também era um fator que movimentava a economia remigense e possibilitava uma maior comunicação entre as pessoas de diferentes segmentos sociais para a divulgação da realização dos bailes, principalmente porque a feira sempre foi realizada aos domingos, o que possibilitava uma maior divulgação das festas a serem realizadas e despertava o interesse de outras pessoas das regiões mais próximas de Remígio a se deslocarem para frequentar e usufruir dos momentos de lazer que o clube remigense proporcionava.

A divulgação era tanta que possibilitava a interação entre as pessoas, desde os comentários nas ruas, às conversas sobre suas vestimentas, a divulgação das bandas de músicas, das orquestras, enfim, uma infinidade de assuntos referente às noites sociais gerava expectativa referente ao dia do baile. Nosso colaborador Francisco Fábio Carneiro Leal nos

⁵¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades Visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, vol. 27, núm.53. Junho, 2007, p.14

conta, quando indagado sobre a movimentação das ruas de Remígio em dias de festa, que eram:

“Nossa movimentadíssima! Eram as mulheres se embelezando nos salões. Costureiras a todo vapor, preparando as roupas femininas e masculinas. Os bares lotados. Na missa das 19 horas, quanta gente bonita, arrumada e cheirosa. Antes do início das festas, desfiles nas subidas e descidas do meu Remígio.” (LEAL, 2014)

Era notório observar a movimentação das ruas em dias de festas, pois as pessoas se vestiam muito bem, usavam perfumes, os rapazes e as moças caprichavam no penteado dos cabelos, até porque a ocasião sempre exigia elegância e sofisticação que combinasse com o lugar frequentado. E entre esses desfiles surgiram novas formas de ser e de agir entre os solteiros e os casais, possibilitando incorporar às suas vidas as práticas cotidianas nesse novo espaço sociocultural.

Em dias de festa, a ansiedade era grande. A maioria das pessoas queriam ir à festa. Era um dia cheio de preparativos e ansiedade, era preciso colocar a melhor roupa e o melhor calçado, fazer aquele belo penteado elegante e ir dançar a noite inteira. Alguns rememoradores falam que não bastava apenas um dia de preparação e sim semanas, pois a preparação para a festa “era muito bem, não era assim chegar e ir pra festa não. Aquilo era um preparo, tal dia festa, se planejava, tinha aquele grupo da sociedade que ia, era tudo pessoas da sociedade”.⁵² Durante seu relato oral, percebemos as expressões na face de nosso depoente Francisco Fábio Carneiro Leal, ao buscar em sua memória como eram realizadas as festas nos dois clubes sociais:

Lembro-me com bastante alegria e saudades. Era o momento do convívio coletivo, das paqueras, dos namoros e da liberdade. Momentos únicos que não serão esquecidos por aqueles que vivenciaram o seio da convivência social de maneira harmoniosa e feliz, com descontração e muita alegria. Desamores, desencontros também. (LEAL, 2014)

Os rapazes aproveitavam os momentos antes de entrar nos clubes para passear pelas principais ruas que davam acesso aos clubes e “observar” o movimento das belas moças bem vestidas, juntamente com seus amigos. Era um momento de encontros, conversas e desfiles de suas roupas e seus penteados, este era um momento em que as pessoas procuravam sempre ir elegantes, cada um seguindo os ditames da moda presente na época, para isso era preciso caprichar bem no visual para impressionar nos salões dos clubes. Alguns remigenses acompanhavam a moda de acordo com a época, estando sempre influenciados pelas novas tendências de moda e tinham o pensamento de que vestir-se bem diante da sociedade

⁵² SILVA, Analice Dias da. Entrevista concedida à autora em 20 de Maio de 2014.

representava prestígio social. Era necessário vestir-se “com galhardia. Roupas impecáveis, bonitas e dos mais variados estilos. O importante era estar bonito para as pessoas.” (LEAL, 2014).

O estilo dos rapazes durante a década de 1970 impressionava desde os desfiles pelas ruas principais até a chegada do clube. Eles caprichavam na roupa, no calçado, no penteado, no perfume e na elegância. Por onde passavam, atraíam os olhares da população. O professor José Antônio Martins Barreto lembra como os rapazes se vestiam para ir a uma noite social:

(...) os rapazes, era a moda do sapato cavalo de aço, era o salto alto, boca de sino, aquelas bocona de sino assim, as fivelas grandes (...) agora eu assim, usava calça com salto alto, era a moda da época, aquelas calça tipo hippie. Esses festivais antigos, eles usam calças boca de sino, era como mexicano, pronto. (BARRETO, 2014)

Era comum na região ver os rapazes usando calças boca de sino, caracterizadas por suas bocas largas, sendo considerada uma peça que durante muitos anos fez parte do guarda roupa dos rapazes, principalmente entre as décadas de 1960 e 1970. Utilizadas com o famoso sapato cavalo de aço⁵³, e com camisas de manga longa, esse era o estilo que compunha o estilo dos homens e fazia “sucesso” entre a rapaziada. Havia toda aquela preocupação em vestir-se bem elegantemente.



⁵³ Sapato cavalo de aço surgiu no início dos anos setenta e destacava-se por possuir saltos de plataformas de até 12 cm. Eram de um tipo de napa ou lona colorida.

Imagem 8: Homens remigenses usando roupas da década de 70. Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=263118570471708&se/> Acesso em 29 de Julho de 2014

Analizamos esta fotografia de 1979 e percebemos a elegância dos rapazes, com as gravatas combinadas, os cabelos bem penteados, se vestiam bem, para demonstrar a moda do final da década de 1970 e início da década de 1980. É nítido nesta fotografia, as tão famosas calças boca de sino, os sapatos cavalo de aço, que possuem salto e a diversificação dos paletós com gravatas. Dentre estes rapazes remigenses encontram-se o primeiro da direita para a esquerda, Josemar Nicolau da Costa, e segundo Cícero Gonçalves Dias nos informa que:

Se tem uma coisa que hoje em dia não existe mais, era o que antigamente o povo fazia. O pessoal sempre procurava se vestir com a melhor roupa que tinha e à caráter das festas que eu digo assim, mais socialmente, pra vestir à caráter mesmo né. A gente tinha sempre os finais de semana, a gente vestia a melhor roupinha que tinha. Hoje em dia o pessoal vai de bermuda vai de todo jeito, eles se preparavam mesmo, pra ficar bem, melhor dizendo, se apresentar bem. Quanto isso aí, não era como hoje! Hoje é mais liberal né, praticamente.⁵⁴

Sempre preocupados com a elegância, a roupa tinha que estar “impecável”: “engraxar o sapato”, “consertar o zíper da calça”, “engomar bem a roupa”, “fazer os últimos ajustes” eram as expressões mais faladas durante os dias que antecipavam os bailes. Assim, muitas práticas começaram a existir no meio social através das experiências de convívio que girava em torno da preparação para as noites de festa, que movimentava toda a cidade.

Já com relação às produções femininas, elas eram as mais esperadas pelo público masculino por possuir mais elegância e vaidade, eram elas que deixavam os rapazes suspirando e chamavam a atenção por onde passavam. Cada uma preocupava-se em colocar seus melhores vestidos feitos pelas mãos das costureiras da cidade, pois era muito difícil alguma mulher repetir o vestido várias vezes, “era tudo costurado aqui. Tinha costureira aqui que só (...) agora tudo alinhado, as moças eram uma mais bonita do que outra. E num repetia um vestido não e não tinha um igual.” (BARRETO, 2014). Usavam os vestidos compridos com sandálias de salto plataforma, cada uma que conseguisse desfilar pelas ruas com o sapato de até 12 cm. Alice Melo recorda do tempo em que colocava seu sapato alto e desfilava pelas ruas de Remígio “ainda hoje eu digo assim, como era que a gente aguentava um sapato dessa altura? Mais era uma coisa, um passeio, um desfile mesmo.”⁵⁵ Para complementar utilizavam também muitos acessórios que compunham as suas vaidades, como brincos e colares, bolsas e tule. Os penteados com o uso do laquê eram impecáveis, não dispensavam a maquiagem e

⁵⁴ DIAS, Cícero Gonçalves Dias. Entrevista concedida à autora em 26 de Fevereiro de 2014.

⁵⁵ CAVALCANTE, Alice Melo. Entrevista concedida à autora no dia 03 de Abril de 2014.

assim estariam prontas para atrair o olhar masculino e exhibir-se socialmente e muito comportadas e acompanhadas por sua família. Alice Melo ainda nos conta através de sua memória que:

As moças daqui de Remígio eram conhecidas. Se vestiam muito bem! Principalmente no final de semana e nas festas. Todas as festas cada uma que procurava se vestir melhor, se pentear, se maquiar, era muito bem vestida, e não repetiam roupa não. Festa de final de ano, as melhores festas que tinham aqui em Remígio, era mês de Maio, aí vinha São João, aí vinha festa de Natal e Ano Novo, e era quando a gente procurava colocar as melhores roupas, que era um desfile. (CAVALCANTE, 2014)

A moda que ditava as décadas de 1960 e 1970 eram usar vestidos de bolinhas ou algum acessório de bolinhas, como os lenços de pescoço e de cabelo e os vestidos que possuíam uma moda incorporada pelo movimento da estética hippie. Algumas moças utilizavam o vestido de bolinhas com uns cintos largos e chamativos, na altura da cintura, já os vestidos de estilo hippie eram bem cumpridos e mangas longas, com estampas que caracterizam a cultura das mulheres indianas e camponesas.



Imagem 9: Casamento de Ana Maria Thomaz No Clube S.A.E.R. em 1975. Fonte: Acervo Pessoal da historiadora Rilma Suely Souza Melo

Essa fotografia do ano de 1975 nos mostra o estilo dos vestidos hippie que as mulheres usavam nessa época, bem compostas. Eles eram longos cobrindo as pernas e com mangas

longas, alguns vestidos eram todos estampados e outros possuíam apenas faixas de estampas, podendo ser comparadas ao estilo de mulher camponesa e indiana. Das mulheres que estão nesta imagem observamos a elegância da época, com o cabelo bem penteado e a utilização de acessórios, como a bolsa de colo da senhora que está sentada à direita da imagem e a echarpe na senhora de óculos. Infelizmente a fotografia em preto e branco não nos permite observar as cores dos seus vestidos.

O Cine São José, presente na vila e, posteriormente, na cidade, também influenciava a forma de vestir dos homens e das mulheres e muitas vezes estas pessoas eram influenciados pelos artistas das telas do cinema, copiando seus penteados, suas maquiagens, seus acessórios, influenciando na forma de vestir-se. Os grandes atores de Hollywood vistos nas telas do cinema, através dos filmes, contribuíram para que as pessoas adquirissem novos hábitos e novas formas de se vestir, e assim “através dos filmes as pessoas experimentavam diferentes sensações, bem como conheciam “outro mundo”, outras pessoas, outras culturas e costumes diferentes dos seus.”⁵⁶ (CUNHA, 2013, p.68)

Os estilos musicais também contribuíam para essa forte influência na forma de se vestir, pois a música e a moda complementam-se uma a outra, agregando culturas e mobilizando as pessoas a associar o ritmo da música com o estilo das roupas, realizadas em uma experiência coletiva. Os ritmos presentes nas noites remigenses estavam evidentes com os grupos musicais como, The Fevers, Renato e seus Blue Caps, Pepino di Capri, Charles Aznavour e, posteriormente, o artista nacional Roberto Carlos, formados durante o movimento Jovem Guarda no Brasil, influenciados pelo rock e pop internacional. Todo mundo queria “imitar” o estilo dos jovens cantores com as roupas e o estilo dos cabelos. Assim relata nosso colaborador José Antônio Martins Barreto

Eram músicas italianas, era Renato e seus Blue Caps, The Fevers. Agora muita música internacional, ‘Roberta’ (Pepino di Capri), foi uma música que foi muito tocada. A gente quando tocava Renato e seus Blue Caps, ninguém ficava parado e The Fevers. Era música! Não era esse cabaré de hoje não, porque tinha as músicas de romance, eram diversificadas as músicas, não era só um não. Era música pra você dançar solto. (BARRETO, 2014)

Foram esses ritmos da jovem guarda, dos cantores italianos, entre tantos outros que agitavam as noites sociais, e não deixava ninguém parado. A partir das narrativas orais de memórias, adentramos aos salões dos clubes regidos pelos ritmos musicais das décadas de 1970 e 1980, entres os ritmos estavam o rock, o forró, a música romântica internacional e

⁵⁶ Cunha, Elizabeth Cristina do Nascimento. **Remígio em Cena: Lazer, prazer e diversão com a chegada do cinema em Remígio – PB a partir de 1949**. UFCG, 2013, p. 68.

nacional e o samba canção, todos embalados pelos movimentos de homens e mulheres das diversas gerações que contribuíram para registrar essa história.

Durante todo o ano havia preparações para realizar os bailes nos clubes, incluía-se as festas de Réveillon, o mês de Maio, o São João e o Natal como as mais importantes do ano e com maior número de frequentadores. Com exceção do baile de Carnaval, que raramente era comemorado nos centros clubísticos, pois existia na cidade outro espaço reservado para a realização desse baile, era o carnaval organizado pelo senhor José Leal dos Santos um “grande incentivador das festividades populares”⁵⁷, em que ele utilizava o espaço de um de seus armazéns e nos dias de carnaval transformava-o em locais de baile e mesmo quando o Sr. Zé Leal encerrou as festividades do baile do carnaval em seu armazém, a animação dos foliões tomava conta das principais ruas da cidade.

De acordo com nossos colaboradores no Carnaval organizado por Zé Leal, como era popularmente conhecido, também vinha banda de música de fora, saía o bloco na rua, com serpentina e confete, “aqui em frente, aí onde é essa bicimoto por aí, ali era uma casa de Zé Leal como armazém, que se faziam as festas de carnaval, depois os bailes eram feitos ali.”⁵⁸ Mesmo que o Carnaval não adentrasse aos espaços dos centros clubísticos, o salão do Sr. Zé Leal também servia para alegrar as noites carnavalescas dos foliões remigenses e atraía grande quantidade de pessoas, segundo Adalberto Cavalcanti Vitória “ele bem animado, Zé Leal, ele, a esposa, uma turma de gente ao redor dele, ele bem animado assim, no meio da brincadeira, com uma turma grande.”⁵⁹

Mas, tratando-se das festas anuais que ocorriam nos clubes, estes contavam com a presença de atrações regionais, entre elas orquestras e bandas musicais que animavam e chamavam a atenção dos frequentadores. As orquestras que mais trouxeram alegria e diversão para os clubes foram a Ogírio Cavalcante⁶⁰ de Campina Grande, os Tropicais da cidade de Cuité, como também houve a presença de atrações de renome nacional como a Super Ohara e Quinteto Violado, de Pernambuco. O Sr. Cícero Gonçalves Dias lembra-se da participação intensa que havia em Remígio de bandas e orquestras vindas de fora e nos conta que

⁵⁷ SERAFIM. Péricles Vitória. **Remígio Brejos e Carrascais**, 1992, p.226

⁵⁸ Analice Dias. Entrevista concedida à autora em 20 de Maio de 2014

⁵⁹ Adalberto Vitória. Entrevista concedida à autora em 26 de Fevereiro de 2014.

⁶⁰ “Este seleto grupo de músicos foi responsável por embalar grandes bailes realizados no compartimento da Borborema, assim como em toda Região Nordeste, nas décadas de 60, 70 e 80.” Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/08/memoria-fotografica-o-grupo-ogirio.html#.U96DAKNm5lM>.

Mas a banda Super Ohara, uma banda que tinha metais, tinha essas coisas tudim né? Sempre fazia os bailes aqui em Remígio. Tinha! Muitas bandas vieram de fora, porque tinha festa direto, a gente sempre trazia outras bandas né? Em destaque Super Ohara, uma banda de grande destaque nacional. Aqui também foi Quinteto Violado, mas todo final de semana tinha gente de fora. (DIAS, 2014)

A presença das bandas e orquestras vindas de fora era um quesito de grande valor para a sociedade remigense que ganhava prestígio e nome pelas regiões vizinhas, atraindo um grande número de frequentadores. A cidade tornava-se muito conhecida por suas festas bem organizadas e por não existir nenhum tipo de conflito, entre elas, brigas, desavenças ou arruaças, “não existia nada de roubo, de briga, o que a gente frequentava era tranquilo.” (CAVALCANTE, 2014). A tranquilidade se fazia presente, principalmente porque a delegacia da cidade localizava-se muito próximo dos dois clubes e também pela ousadia dos rapazes que zelavam pela tranquilidade das famílias, que frequentavam as noites sociais. Nosso depoente Adalberto Cavalcanti Vítório nos informa que

Se você visse as festas, o povo vinha de todo canto, era animado. Gente dava em quantidade. Você não via confusão, não via nada, algumas besteiras, que sempre tem em todo canto e todos os familiares, as famílias mesmo, faziam questão de participar.⁶¹

As noites sociais eram tranquilas, as famílias saíam de suas casas em busca de diversão, não desejavam e não pretendiam gerar algum tipo de desavença entre os membros da sociedade remigense. Os conflitos que surgiam, uma vez ou outra, eram provocados por alguns homens que vinham de fora e tentavam “atrapalhar” a festa. Isso era ocasionado geralmente pelo alto consumo de bebidas alcoólicas e também pelo fato de alguma moça rejeitar a dançar com o parceiro que a chamava. Os próprios rapazes faziam a segurança da festa enquanto se divertiam, pois eles mesmos regiam e criavam normas de comportamento e segurança, pois não aceitavam que outras pessoas desmerecessem a cidade, nem o clube, muito menos as famílias ali presentes e segundo o professor José Antônio Martins Barreto:

(...) ninguém aceitava o caba chegar de fora esculhambar com a cidade. Eu me lembro (...) um caba de fora, ‘bebo’ disse: “Isso é uma cidade de.”, ele não terminou a palavra não. A cadeia era ali onde é a Telpa, vizinha à Imperial, ainda existia o mercado velho ali (...) Esse rapaz levou uma camada de pau tão grande, foi surrado até prender ele, pra respeitar a cidade. (BARRETO, 2014).

Os clubes proporcionavam momentos de diversão tanto dentro se seus salões, quanto no contexto exterior, onde muitas das práticas foram sendo incorporadas com a presença desses clubes. Era através da mistura sócio cultural diante dos dias em que a cidade apresentava uma atmosfera de festa, através dos anúncios de seus festejos, dos convites que

⁶¹ VITÓRIO. Adalberto Cavalcanti. Entrevista concedida à autora em 26 de Fevereiro de 2014.

muitas famílias recebiam em casa, da “grandiosidade” de preparativos momentos antes das festas, bem como da memória de nossos colaboradores, que essas práticas foram sendo incorporadas. Tal pensamento coaduna com Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2002) no capítulo do livro *Carnavais e outra f(r)estas: ensaios de história social da cultura*⁶²

(...) ao possibilitar que entremos em seus bailes e festas, abre uma nova janela de observação para um pesquisador da atualidade: ao mostrar a existência de organizações, normas de conduta e códigos de valores próprios entre seus membros, permite que analisemos mais detidamente as experiências dos homens e mulheres que os frequentavam.” (p.423)

Começamos então a revisitar através das memórias de nossos colaboradores as festas realizadas no Centro Social João XXIII, espaço este que contribuiu para disseminar a cultura remigense, voltado para as pessoas que pertenciam à elite remigense, haja vista, o Centro Social era considerado como o mais “selecionado”, produzindo festas mais “elegantes”, festas de “família”. Assim, eram realizadas diversas festas, bailes, apresentações teatrais, confraternizações, entre outros eventos sociais.

Logo em frente a esse clube existia um amplo espaço livre e uma pequena praça que servia para os grupos de rapazes, principalmente os jovens que estudavam fora, apreciarem a entrada dos membros das famílias que pertenciam à elite remigense, apreciando e admirando as belas moças que se aproximavam e chegavam acompanhadas de suas famílias.

A educação nessa época era primordial e era considerada uma ótima característica de todos os frequentadores, inclusive uma boa qualidade dos rapazes, pois “você era obrigado a ter educação, se não, estava fora.” (BARRETO, 2014) por se tratar de um clube social, o bom comportamento acompanhado de uma boa educação se faziam necessárias desde o momento de sua chegada ao clube até o momento de ir embora. Para se tirar uma moça de família para dançar “você tirava a menina pra dançar e levava na mesa, você perguntava a ela, se ela estava a fim de dançar, aí ia dançava e deixava de volta. Não é como hoje, né? Se você não quer dançar o “cabra” quer brigar logo né?”⁶³

Geralmente, os bailes eram realizados de portas “fechadas”, onde os seus frequentadores (as) tinham que pagar para entrar no Centro Social e esse dinheiro cobrado logo na entrada, mostrava que “o rendimento desse pagamento serviria para o pagamento da

⁶² PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. E o Rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922). In: *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura* / Maria Clementina Pereira Cunha (org.)- Campina, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002, p. 423)

⁶³ BARRETO, José Antônio Martins. Entrevista concedida à autora em 19 de Julho de 2014.

banda, que vinha tocar, e da própria manutenção e tal.” (FREIRE, 2014). Isso garantia o bom funcionamento do clube, estando sempre conservado através de uma boa manutenção.

O Centro Social João XXIII era considerado o “mais elegante” e o mais “elitizado” pela sociedade local, quando da realização de suas festas e seus bailes. Sob a direção da igreja católica, seus frequentadores pertenciam à elite e desfrutavam de festas e bailes muito bem organizados. Além dos bailes que se realizavam no centro social, existiam outros tipos de eventos como festas de casamentos e aniversários, desfiles e, principalmente, a entrega dos diplomas a moças que estudavam na Escola Doméstica Rural Nossa Senhora de Fátima, que funcionava ao lado do Centro Social, desde o ano de 1960, com cursos de corte e costura, culinária, artesanato, pintura, bordado, entre outras habilidades. O evento da entrega de diplomas das alunas reunia pessoas importantes para homenagear mais uma turma que ali se formava e assim

Os diplomas eram entregues em solenidade de gala, com cada diplomanda recebendo o canudo das mãos de autoridades locais e convidados de honra. A cidade parava, literalmente. Da programação normalmente constava o baile tocado por Ogírio Cavalcante e sua orquestra ou "Os Novacaps" e outras. (MELO, 2014)

Esta solenidade, que reunia a turma concluinte dos cursos oferecidos e as professoras da Escola Doméstica no Centro Social, chama-nos a atenção pelo fato de como disse nosso colaborador acima, de que “a cidade parava, literalmente”, pois com a presença de autoridades locais, entre elas políticas e religiosas, o evento ficara conhecido como o mais “esperado” do ano e realizado em um espaço muito utilizado pelas famílias.

Uma das características e melhor qualidade do Centro Social era o palco, considerado o “maior” e “melhor”, tornou-se atrativo pelo seu amplo espaço para as apresentações das bandas musicais, a entrega dos diplomas da Escola Doméstica e para a apresentação de grupo de teatro.

Existiu na década de 1970 um grupo de teatro formado pelos jovens locais que estudavam na escola estadual da cidade que se apresentavam semanalmente. Era o grupo Cênico Geração 2001, organizado pelo professor José Adailto Freire com o apoio do Padre José Fidelis:

Eu criei o grupo Cênico Geração 2001, foi uma criação minha também com o apoio é claro, que era lá da paróquia, com Padre Fidelis também. Aí eu montei peça, eu apresentei peças, eu dominava um grupo, né? Um grupo também, Geração e era um... os alunos mesmo do colégio estadual, que eram meus alunos, tá entendendo? Então eu participava com esse grupo. Era um grupo geração, que era um grupo de teatro, sabe? (...) Então tinha as festas no Centro Social, tinha o que, tinha as

quadrilhas do mês de Junho e tinha também outras festas sociais que se faziam ali, é festa de fim de ano, que trazia banda, inclusive eu fiz isso, muitas festas ali. Eu coordenei festas passadas com o grupo, não era só eu, mais era um grupo, e agente fazia festas ali, festas sociais mesmo né (FREIRE, 2014)

O palco era considerado por seus frequentadores um dos melhores para as apresentações das peças teatrais e das bandas de músicas nos dias dos bailes. Alguns jovens da época que estudavam no colégio estadual da cidade, chegaram a apresentar a peça teatral de “Morte e vida Severina” organizada pelo professor José Adailto Freire, que contava com a participação das famílias dos jovens, bem como de outras pessoas que lotavam o Centro Social nos dias das apresentações. Referindo-se ao palco, José Antônio Martins Barreto recorda que:

O piso lá em cima do palco, era de madeira dessa grossura assim (faz o gesto com os dedos da mão). Era um palco grande, e a gente ficava tudo em baixo, quando tinha as peças de teatro, o menino ficava lá, tinha a abertura lá na frente, quando esquecia aí ele lia, era. Era tudo lotado. (BARRETO, 2014)

Referindo-nos a realização de bailes no Centro Social João XXIII, o professor José Antônio Martins Barreto nos conta que organizou um baile no Centro Social, cuja temática era “Anos Dourados” em plena década de 1970, e relata que o baile contou com a participação da elite remigense, todas as famílias de prestígio social. Um baile que “era só os casais, não podia entrar solteiro.” (BARRETO, 2014) Por ser um baile familiar, havia as mesas já reservadas para os casais, proporcionando a eles o conforto e a apreciação total da festa, que segundo ele “amanhecia o dia”. Conta ainda que...

Eu até fiz a festa e não tinha namorada, aí fiquei com uma menina de Alagoa Grande. Aí eu disse olhe eu tô realizando uma festa, aí eu comecei a dançar com ela, e quase ia sendo expulso do dance, porque eram essas danças de, assim, como, carimbó, né? Que a menina dança fica colada com você mesmo, as danças eram colocadas, era tudo assim. (Barreto, 2014)

Apesar de o clube atrair a “elite remigense” em dias de festas, apresentações teatrais e exposições culturais, reuniam muitas pessoas da sociedade e existia uma época do ano em que era realizada a festa junina que é tradição na região Nordeste. O forró, considerado um gênero musical predominante no Nordeste, não poderia faltar nas noites dos bailes ou das festas⁶⁴, e muitas das bandas e orquestras que se apresentavam tocavam também músicas de forró pela tradição. Na época do São João, por exemplo, durante muito tempo o Centro Social João XXIII realizou muitas festas juninas, reunindo os filhos da sociedade remigense para se

⁶⁴ O BAILE é desfrutado mais pela sociedade que visa dançar, conviverem e divertirem-se. A FESTA é solenidade, comemoração, cerimônia em regozijo por qualquer fato ou data.

apresentarem em suas quadrilhas, muitas delas organizadas pelo Sr. José Leal, um homem que muito contribuiu com a cultura remigense.

E o São João sempre era animado ali no Centro Social, com quadrilhas, dava muita gente, na programação. Zé Leal era um dos animadores das festas, que marcava quadrilha. Era papai mesmo, era outro animador. As quadrilhas aqui eram bem animadas, então era gente. O pessoal brigava! (VITÓRIO, 2014)

Durante muito tempo esse espaço do Centro Social João XXIII foi utilizado para a realização de diversas festas, embora sua durabilidade não tenha chegado a meados da década de 1980. Hoje o Centro Social encontra-se um pouco modificado em sua estrutura física, pois “a entrada era diferente, tinha quando você entrava, uma paredizinha em curva onde ficava a bilheteria fechada, é dos dois lados. O portão ainda é aquele, o portão, num sabe?” (BARRETO, 2012), além disso, o nome também foi modificado e passou-se a chamar Centro Pastoral João XXIII, realizando atividades e eventos religiosos.



Imagem 10: Estrutura Física do Centro Social João XXIII (Atual Centro Pastoral João XXIII). Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nesta fotografia observamos a estrutura física do prédio que funcionou o Centro Social João XXIII, entre as décadas de 1960 a 1980. A estrutura permanece a mesma até os dias atuais. Mesmo passando por uma reforma interna, a entrada principal permaneceu intacta, com o mesmo portão, porém o lugar da bilheteria logo ao lado foi modificado. Seu espaço

está servindo temporariamente como a Igreja Matriz, haja vista que esta está em um período de ampla reforma.

Referindo-nos a realização dos bailes no clube S.A.E.R., este contava mais com a participação das famílias e principalmente dos jovens estudantes da cidade, onde o movimento era mais intenso, pela presença de boa parte da população local, bem como de alguns frequentadores que residiam nas cidades vizinhas. Os jovens, sendo boa parte deles ainda solteiros, contavam com o auxílio dos sócios e assim, “o Clube oferecia oportunidades de convívio entre os sexos, possibilitando namoros e casamentos.” (SOUZA, p.76). Os principais responsáveis para a organização das festas realizadas no Clube S.A.E.R. eram a própria diretoria do Clube, a diretoria dos educandários, alguns estudantes do Grêmio Estudantil e alguns homens e mulheres da sociedade.

A maioria dos sócios desse clube eram os pais de família que desejavam participar da sociedade clubística com sua família, principalmente seus filhos, jovens estudantes que podiam desfrutar do próprio espaço, um seletto ambiente que proporcionava a oportunidade de conviver coletivamente. Entre o grupo de sócios deste clube, estavam a família dos Bronzeado (família fundadora) Luiz Bronzeado, Epitácio Bronzeado, Paizinho Bronzeado, e as outras famílias “(...)que era justamente a representação da cidade, era pelos senhores mesmos, ali levavam suas famílias(...)”(VITÓRIO,2014), entre eles Josué Nicolau da Costa, Celso Carneiro, Marcelo Rodrigues de Souza, entre tantos outros nomes que fizeram parte do quadro de sócios da S.A.E.R. O perfil desses homens que ajudaram no funcionamento durante muitos anos do Clube S.A.E.R., era de homens adeptos a ideia do progresso, do desenvolvimento da cidade de Remígio. Entre eles estavam alguns comerciantes, outros proprietários de terras, produtores de algodão e agave, professores, engenheiros e alguns políticos.

De acordo com a Ata de Fundação do Clube S.A.E.R. os sócios do clube deveriam “comunicar à diretoria os fatos de eu tiver conhecimentos prejudiciais à sociedade”, além de “frequentar a sede social e participar das diversas reuniões nela existentes.” Assim, os sócios possuíam suas carteirinhas, estando eles sempre presentes no que fosse preciso para manter a ordem e o bom funcionamento do clube.

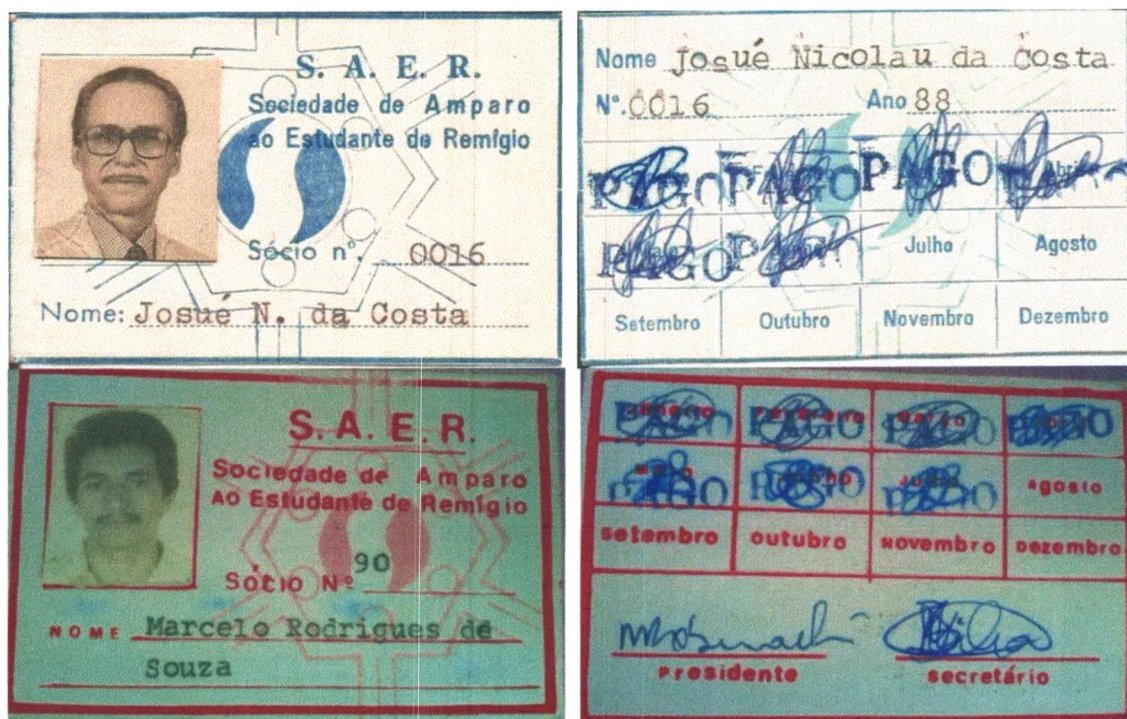


Imagem 11: Carteira dos sócios: Josué Nicolau da Costa (1988) Marcelo Rodrigues de Souza em (1984). Fonte: Acervo pessoal dos ex-sócios.

As carteiras dos sócios, Josué Nicolau da Costa e Marcelo Rodrigues de Souza mostram a organização no quadro social do clube. A carteira data do ano de 1983 e 1988 e assim podemos analisar o símbolo do clube ao fundo da carteira. Interessante também observar a fotografia e o número correspondente dos sócios. Atrás da carteira encontravam-se os doze meses do ano, carimbando o mês que fora pago para o funcionamento do clube e a participação ativa de seus familiares, caso o sócio não efetuasse o pagamento regular mensal, este estaria fora da sociedade, como consta a Ata de Fundação do Clube S.A.E.R.

Durante as décadas de 1970 a 1980, por aproximadamente 20 anos, o Clube S.A.E.R. viveu sua época do “auge”, realizando confraternizações, casamentos, bailes de debutantes, festas e outras atividades socioculturais. Com o tempo a estrutura física do clube S.A.E.R. também foi modificada, construindo em sua volta muros para melhor proteger seus frequentadores. Os bailes surgiam como momentos de descontração e envolvimento com o ambiente e as pessoas que ali se faziam presentes, consolidando as mais variadas identidades. De acordo com as narrativas orais, esse clube oferecia um amplo acesso à população, exceto quando havia festa de cunha familiar, entre eles aniversários e casamentos, que neste caso eram selecionadas as pessoas que poderiam participar. Segundo os depoentes que

contribuíram para essa pesquisa, era intenso o movimento na cidade nos dias de realização de seus bailes. O Sr. Adalberto Cavalcanti Vitória relata que

A S.A.E.R. era, se você visse as festas! O povo vinha de todo canto, era animado, gente dava em quantidade, você não via confusão, não via nada, algumas besteiras, que sempre em todo canto tem. Todos os familiares, as famílias mesmo, faziam questão de participar, e a S.A.E.R. era bem animada, era um clube! Quer dizer, o único defeito que tinha a S.A.E.R. era que as festas que tinha era pequeno para a quantidade de gente que lá frequentavam né? (VITÓRIO, 2014)

Momentos antes de começar o baile era preciso dar aquela parada “básica” e “obrigatória” no famoso bar do Saulo⁶⁵, próximo à Igreja Católica, no centro da cidade. Considerado um dos pontos de encontro mais frequentado pela rapaziada antes de ir festejar e se divertir no salão dos clubes S.A.E.R. e dançar a noite inteira. Era nesse local que todos os rapazes se reuniam, esperavam uns aos outros e faziam suas apostas referentes às “gatinhas” que iam conquistar na noite da festa, assim relembra Francisco Fábio Carneiro Leal em seu Blog “Meu Remígio”:

Antes da festa na SAER, a preleção era o encontro no Bar do Saulo, seletto ambiente do cara sair casado com a cachaça ou ser abandonado pela namorada, pela qualidade de música romântica, de música roedora e de música perspectiva, além da bebida de todas as lavras possíveis, músicas de Roberto Carlos, Aguinaldo Timóteo, Fevers, Renato e seus Blues, Pholhas e muito mais (...) Escuta-se o som do conjunto tocando... Faz-se a vaquinha, fecha-se a conta da despesa e desce ladeira até a SAER.⁶⁶

Muitos desses homens que se reuniam momentos antes do baile na S.A.E.R. compartilhavam diálogos, experiências, relações com o meio social em que viviam. Eles encontravam nos bares da cidade a primeira sensação do divertimento entre amigos. Como era um clube formado mais por estudantes, muitos deles passavam semanas e semanas residindo em seu local de estudo e quando voltavam para a cidade de Remígio faziam questão de festejar nos bailes do clube S.A.E.R. ao lado de amigos e familiares.

Um dos bailes mais realizados, frequentado e esperado pelos jovens no clube S.A.E.R. era o ASSUSTADO. Esse baile ocorria com data marcada e quando não podia ser realizado no clube S.A.E.R., realizavam no Centro Social João XXIII. Era um baile que gerava entre as pessoas muita animação, preparação e muita expectativa para a chegada do dia do Assustado. Sempre realizado aos sábados ou domingos pelos jovens estudantes, entre eles Cícero Gonçalves Dias, Antônio José da Silva (Zé Ué), Bráulio de Celso Carneiro, entre outros,

⁶⁵ O bar do Saulo localiza-se na Rua Idelfonso Jardelino, na principal rua que dá acesso as cidades de Areia e Arara.

⁶⁶ Passagem retirada do Blog Meu Remígio: <http://meuremigio.blogspot.com.br/2014/03/arrudeado-de-mulher.html> Acesso em 23 de Julho de 2014.

ornamentavam todo o espaço do dancing e das mesas e geravam a maior expectativa. Assim relata Francisco Fábio Carneiro Leal, como ocorriam os momentos antes da noite da festa do Assustado.

Euforia da galera quando as ondas sonoras das cornetas da Prefeitura Municipal de Remígio e ‘do boca à boca’ confirmavam a realização do ASSUSTADO – baile – na SAER ou no João XXIII. A fofocada predominava em todas as conversas da semana: quem vai? O pai vai deixar a gatinha? O papo rola na escola, no cinema, nos botecos e na ‘pedra maldita’. Chega o tão esperado dia. Barbearia lotada... Sapataria consertando muitas peças ou dando aquele polimento... Manicure e pedicure enchidas... Cabeleireiras no maior sufoco para atender todas as donzelas. Só se via mulheres na rua com os cabelos cheios de bob ou friso, cobertos com lenços das mais variadas estampas ou gostos. Uma verdadeira passarela ‘diurna’(...) O primeiro teste da indumentária tem que passar na missa. Todos observando todos: roupa, sapato, cabelo, cheiro... Ninguém liga para Deus e muito menos para a homilia do Padre José Fidélis... Caminhadas em circunferência pela Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio para paquerar, ver sua amada ou criticar a concorrência... O segundo teste é não receber críticas na descida e subida da rua principal... Ai tudo bem. (...) Vamos ao baile. Bilheteria lotada, gente bonita e cheirosa... Muitos querendo entrar e estão sem um tostão no bolso. Qual a alternativa? Fazer vaquinha para um bonitão penetrar e sair com o bilhete... Luzes acessas, mesas decoradas, muita animação. Abraços e beijos para todos os lados. Olhares de comprometimento. Olhares de traição... Olhares de conspiração... Olhares desgostosos... Paquera rola solta. Lábias múltiplas de ambos os sexos.⁶⁷

O Assustado começava no final da tarde e terminava às dez horas da noite. Reunia muitos jovens e muita música eletrônica. Muitas saudações a esse baile estiveram presentes durante as entrevistas com alguns de nossos depoentes. A “galera” ficava animada, a cidade ficava bem movimentada, os jovens rapazes estudantes da universidade de Areia⁶⁸ compareciam a esses bailes, “o movimento era intenso”. Possuía suas normas de conduta e respeito para com as moças da cidade e divertiam-se até o último momento da festa com o desejo e os planejamentos de participar do próximo ASSUSTADO. Assim recorda o Sr. Francisco Fábio Carneiro Leal “Constantemente se realizava festas nos clubes. Quando não se fazia festas, realizavam-se nos finais de semana, os ASSUSTADOS, baile com música eletrônica”.

Diversos bailes foram organizados e realizados durante os anos de seu funcionamento. Existia a matinê dançante para a juventude da época, “(...) mesmo na época de 60, 70 por aí assim. Todo final de semana, no sábado e no domingo. Era um matinê dançante, era tudo muito diferente.” (SILVA, 2014). Esse matinê ocorria nos finais das tardes dos finais de semana, onde os jovens reuniam-se para dançar, conversar e divertir-se ao som dos discos que

⁶⁷ Passagem retirada do Blog Meu Remígio. Disponível em: <http://meuremigio.blogspot.com.br/2012/06/dancar-no-assustado-sem-calcinha.html> Acesso em 26 de Julho de 2014.

⁶⁸ Universidade Federal da Paraíba- Campus II (atual)

eram colocados em uma difusora com os ritmos da época, Sr.^a Alice Melo Cavalcante completa que

(...) um tipo de disco tocava em uma chamada radiola e aí era onde a sociedade se juntava, as moças, os rapazes, principalmente final de semana, no sábado, faziam, aí tinha duas salas que tinha a primeira sala era com mesinhas que tinha vários tipos de jogos, tinha instante com vários livros, e a outra sala era com a mesa de pingue pongue, e era onde a gente se reunia, assim final de semana, era o canto certo das moças e rapaz se reunirem era aí na S.A.E.R. (CAVALCANTE, 2014)

Para além das noites sociais, o clube S.A.E.R. precisava desenvolver outras atividades visando o entretenimento dos jovens, valorizando espaços do interior do próprio clube para a prática do lazer seja por jogos de entretenimento ou de atividades esportivas. Existia durante a semana a reunião dos sócios e alguns estudantes que desfrutavam “de encontros, de conversas, de jogar assim: jogar dama, jogar palito, jogar o tênis de mesa, era mais assim, só pra mais conversa.”⁶⁹ Além de reunirem-se para “jogar dominó, pingue pongue, ouvir música, ler, bater papo e dançar.” Com certo tempo de funcionamento a S.A.E.R. adquiriu uma quadra poliesportiva, possibilitando aos jovens formarem seus times e competirem em agremiações. Foi justamente isso que aconteceu com o Premure, de José Antônio Martins Barreto e o A.C.E.R. (Associação Cultural dos Estudantes de Remígio) fundado em 1983 por Marenilson Batista da Silva.



Imagem12: Competição de Voleibol entre Premure e A.C.E.R. em 1985. Fonte: Contos e Causas. Disponível em: <https://www.facebook.com/contosecausosderemigio?fref=ts>. Acesso em 02 de Agosto de 2014.

⁶⁹ CAVALCANTE, Alice Melo. Entrevista concedida à autora em 03 de Abril de 2014.

Esta imagem fotográfica, data do ano de 1987, em um campeonato de voleibol, disputado entre os times do A.C.E.R. e Premure na quadra de jogos do Clube S.A.E.R. Para além dessa atividade poliesportiva, esses dois times disputavam também jogos de futebol e de futsal, em torno da quadra da S.A.E.R. Eram estes jovens que também frequentavam os bailes no clube e criavam entre si relações de amizade, divertindo-se nas noites sociais.

Tanto o clube S.A.E.R. quanto o Centro Social João XXIII foram muito frequentados tanto pela própria população da cidade, quanto pelas pessoas das regiões vizinhas entre as décadas de 1960 e 1980. Com o aumento da população e dos grandes grupos musicais o espaço foi tornando-se pequeno e “a acústica da S.A.E.R. para o tempo de hoje não tem como, não suportava de jeito nenhum” ⁷⁰. Assim, outros espaços para a realização de festas foram surgindo como o clube Poliedro Show e o Clube Oásis. O nosso colaborador Cícero Gonçalves Dias, um dos homens que mais realizou festas, completa que:

A S.A.E.R. praticamente ela estava parada há uns quinze anos. Que ela vinha funcionando. Bem, nos anos 90, até os anos 90, a S.A.E.R. ainda estava praticamente assumindo um ponto principal. A S.A.E.R. é de muito tempo, A S.A.E.R. é dos anos 60 [risos] Até ela tá ativa praticamente né, mas ela teve, ela atuou dos anos 60 pra, até os anos 90 ela era, ela teve toda uma responsabilidade ativa mesmo, na sociedade. Aí nos 90 é que caiu praticamente, porque vai diminuindo, vai saindo sócio, a gente vai entrando noutros setor. Foram criados outros maiores, o pessoal já vai saindo. (DIAS, 2014)

Muitas questões políticas passaram a ser envolvidas para a revitalização do clube S.A.E.R. logo nos seus primeiros anos de “decadência”, ocasionada, como relata Francisco de Assis Melo em seu livro, por uma “completa desorganização do quadro social, crises administrativas, financeiras e tantas outras do gênero (...)”. ⁷¹ Esse fator foi ocasionado, segundo a senhora Maria José Pereira, pela falta de “disposição e interesse cultural dos estudantes de Remígio para cuidar e preservar o que por direito pertenceu aos estudantes de Remígio.” Com o tempo esses jovens estudantes começaram a seguir outros caminhos. Uns foram casando, outros indo morar ou trabalhar em outras cidades. E os novos grupos de estudantes não mantiveram o mesmo interesse, como relata nossa colaboradora de manter aberto o clube. A partir desse momento o clube foi envolvendo-se com questões político – partidárias, passando seus frequentadores a terem outros interesses e não contavam mais com o recurso federal:

Naquele tempo a S.A.E.R. se mantinha porque vinha recurso federal sabe, quando, aí depois Eudacler (ex-prefeito) passou muito tempo, e quando deixou de vim

⁷⁰ DIAS, Cícero Gonçalves. Entrevista concedida à autora em 26 de Fevereiro de 2014.

⁷¹ MELO, Francisco de Assis. **Moleques do Palma**. – João Pessoa: Editora Imprell, 2009, p. 25

recurso federal. Aí Eudacler entregou e não vinha mais. Enquanto tinha recurso federal mesmo era presidente, quando deixou de vim, aí ele deixou, aí entregou, aí foi passando. No estatuto da S.A.E.R. que eu fiz parte também como presidente, aí no estatuto, no dia em que ela não pudesse se manter, aí ela voltaria ao órgão, por exemplo, a prefeitura quem tomava conta e como de fato foi entregue a prefeitura.⁷²

Porém a prefeitura não assumiu a responsabilidade de manter o clube e através de uma eleição realizada nos anos 2000 para decidir a presidência do clube que já estava em fase de destruição, o advogado Darciano Barros dos Santos ganhou as eleições e tentou revitalizar o espaço do clube, porém por falta de recursos financeiros para sua reforma, seu projeto não foi adiante e hoje encontra-se parcialmente destruída, restando apenas alguns escombros, na esperança de que esse mesmo espaço seja revitalizado e haja o retorno do clube para a realização das confraternizações e dos festejos da sociedade.

⁷² VITÓRIO. Adalberto Cavalcanti. Entrevista concedida à autora em 26 de Fevereiro de 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - O ÚLTIMO BAILE

Chega ao fim o último baile após tentarmos revisitar as festas, os bailes, as reuniões no clube S.A.E.R. e no Centro Social João XXIII através das memórias dos (as) nossos (as) colaboradores (as). Quantas e quantas festas foram realizadas entre as décadas de 1960 e 1980 como uma fuga e também inserindo-se no cotidiano, quando os salões dos centros clubísticos passaram a ser habitados e utilizados por outras sociabilidades, possibilitando a formação de novas amizades, de namoros e até casamentos.

Através dos nossos depoentes, que tanto contribuíram para a realização desta pesquisa histórica, pudemos juntos experimentar múltiplas sensações que foram vividas nos espaços dos clubes, fazendo com que hoje as memórias sejam produzidas com saudações do passado. Eles se despedem da entrevista como se estivessem se despedindo do círculo de amigos, da moça bonita que paquerou a noite toda, enfim, do baile.

Os nossos depoentes merecem destaque nessas considerações finais, pois foi a partir de seus relatos orais de memórias que construímos cada história pertencente aos clubes, contornamos as experiências, compartilhamos alegrias, construímos juntos as imagens dos espaços preenchidos no campo da saudade. Foram eles os principais protagonistas desta história, atuando como sujeitos históricos ativos que através de suas memórias construíram cada capítulo aqui apresentado.

Podemos considerar que o nosso trabalho traz contribuições ao campo da História e da História das Cidades, ao propor ao leitor questões de reflexão acerca da formação do espaço de sociabilidades, das práticas de lazer, da formação de identidade individual e coletiva e da constituição do espaço no tempo através das experiências dos sujeitos que aqui foram apresentados. Analisamos as transformações que ocorreram em Remígio - PB a partir da chegada dos centros clubísticos, tendo em vista, as mudanças nos aspectos sociais, culturais e econômicos.

Acreditamos que tanto o Clube S.A.E.R. quanto o Centro Social João XXIII contribuíram para o desenvolvimento da cidade de Remígio, constituindo-se como novos espaços de lazer reservados para a realização de diversas festas que transformavam a vida das pessoas, desde as suas relações sociais mais profundas até a maneira de vestir-se, que acabavam por refletirem-se nas práticas cotidianas dos seus frequentadores. Acreditamos que

os clubes foram espaços que transformaram as vidas de muitas pessoas e que, através de suas memórias ajudam a permanecer e manter vivas muitas histórias.

A experiência que adquirimos com este trabalho foi gratificante ao saber que estamos contribuindo para a construção da história da cidade de Remígio e como mais um texto, que trabalha com o tema relacionado à cidade, para que os futuros historiadores possam usufruir deste trabalho em futuras pesquisas, haja vista, que este trabalho não termina por aqui, pois ainda há muitos caminhos a serem percorridos, havendo tantas outras possibilidades de continuar e relatar outras histórias e outras experiências que ainda necessitam serem narradas.

O intuito de nossa pesquisa foi valorizar as memórias vivas de nossos colaboradores e ter a primazia de registrar a história da cidade de Remígio, especificamente os clubes sociais, mostrando o desenvolvimento sociocultural da sociedade. Assim, não deixamos aqui um ponto final, pois novas problemáticas podem e precisam ser pensadas e discutidas.

Como um baile que termina no desejo de serem realizados outros bailes, encerramos nosso trabalho com uma passagem de nosso colaborador Cícero Gonçalves Dias, na intenção de que outros jovens possam ler essa escrita historiográfica, e assim ficamos na esperança de alcançar os próximos bailes.

“e esse seu trabalho, ia pedir pra que você divulgasse o máximo. Porque eu acho que toda população de Remígio se utilizou do clube S.A.E.R. Tem uma história. Eu acho que essas pessoas deviam pelo menos é contribuir de qualquer jeito, num ato público escrevendo nas redes sociais pra que a gente revitalizasse, porque o espaço público continua. Um espaço muito bom, no centro da cidade, e precisando somente de pessoas que tenham vontade de trabalhar e divulgar essas necessidades, que pra mim é um ponto histórico pra Remígio, que faz parte da vida de muita gente.” (DIAS, 2014)

Que um dia as pessoas de Remígio possam voltar a adentrar o Clube S.A.E.R. e ouvir ao fundo as canções, sentir os cheiros e os movimentos do corpo ao dançar, escutar os risos, que tanto as emocionou e, que este baile de lembranças, nunca chegue ao FIM!

FONTES

FORTE ESCRITA

Ata de Fundação da Sociedade de Amparo ao Estudante de Remígio (S.A.E.R.) em 10 de Novembro de 1958.

FONTES ORAIS

BARRETO, José Antônio Martins. Entrevista concedida à autora em 19 de Julho de 2014.

CAVALCANTE, Alice de Melo. Entrevista concedida à autora em 03 de Abril de 2014.

CORREIA, Irene de Melo. Roteiro de perguntas respondidas, enviada por e-mail à autora em 30 de Maio de 2014.

DIAS, Cícero Gonçalves. Entrevista concedida à autora em 26 de Fevereiro de 2014.a.

FREIRE, José Adailto. Entrevista concedida à autora em 12 de Fevereiro de 2014.

LEAL, Francisco Fábio Carneiro. Entrevista concedida à autora em 20 de Maio de 2014.

PEREIRA, Maria José. Entrevista concedida à autora em 29 de Maio de 2014.

SILVA, Analice Dias da. Entrevista concedida à autora em 20 de Maio de 2014.

SILVA, Antônio José da Silva. Entrevista concedida à autora em 18 de Março de 2014.

VITÓRIO, Adalberto Cavalcanti. Entrevista concedida à autora em 26 de Fevereiro de 2014.b.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**/ Verena Alberti. - 3. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 236 pg.
- BARROS, José D'Assunção. **Cidade e história**/ José D' Assunção Barros. – 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens**: História/ Severino Cabral Filho. - Campina Grande. UFCG- EDUFCG, 2009. 204 p.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**/ Michel de Certeau. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**/ Michel de Certeau; 18. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CUNHA, Elizabeth Cristina do Nascimento. **Remígio em Cena: Lazer, prazer e diversão com a chegada do cinema em Remígio – PB a partir de 1949**. Monografia. História. UFCG, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/ tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. – Rio de Janeiro: DP&A. Ed., 1997.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 1994.
- MELO, Francisco de Assis. **Moleques do Palma** / Francisco de Assis Melo. – João Pessoa: Editora Imprell, 2009. 128 pg.
- OLIVEIRA, Carlos Alberto. Praça Sete de Setembro: os Populares no Espaço Público e a Construção de Lugares Identitários em Belo Horizonte – MG. In: **Populares na Cidade: vivências de trabalho e de lazer**./ Antonio Clarindo Barbosa de Souza (org.). – João Pessoa: IDEIA, 2011. p. 153-170.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. E o Rio dançou. Identidades e tensões e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922). In: **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de**

história social da cultura. Maria Clementina Pereira Cunha (org.). – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002, p.419 - 441.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades Visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Revista Brasileira de História, vol. 27, núm.53. Junho, 2007, pp.11-23.

SERAFIM, Péricles Vitório. **Remígio: Brejos e Carrascais.** João Pessoa. Editora Universitária, 1992.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. (Org.). **História dos Municípios Paraibanos.** Volume 1. Campina Grande, EDUFPG, 2012. p. 64 – 76.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. Os clubes sociais em Campina Grande: espaços de sociabilidade, lugares de exclusão. In: **Cultura e Cidades.** Campina Grande: EDUFPG; 2009.

SITES CONSULTADOS

Blog Meu Remígio. Disponível em: <http://meuremigio.blogspot.com.br/>. Acesso de 23 a 26 de Julho de 2014.

Mapa de Remígio. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rem%C3%ADgio>. Acesso em 10 de Maio de 2014.

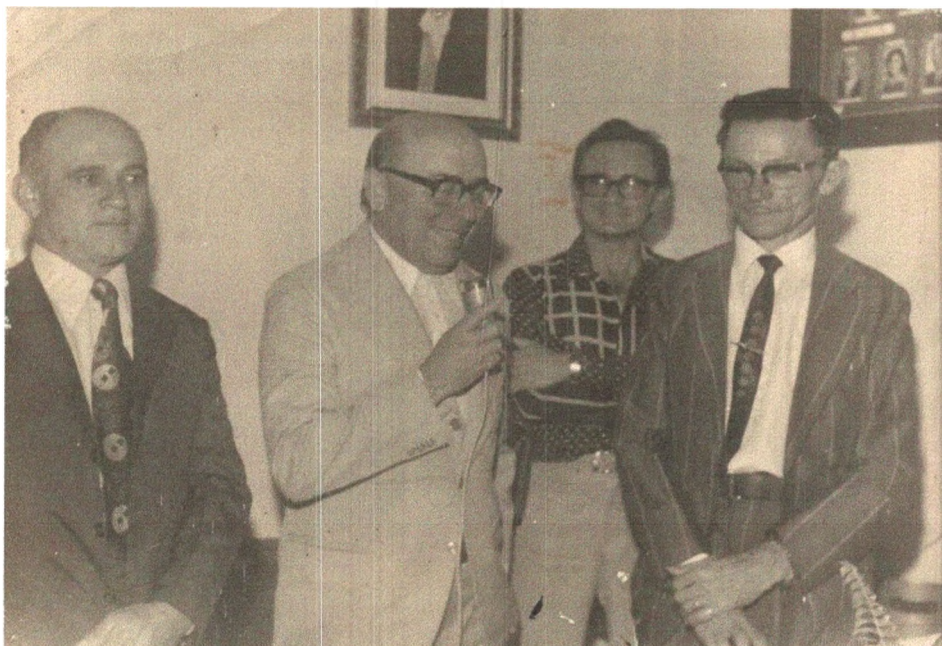
Moda dos Anos 60 e 70. Disponível em <http://www.fashionbubbles.com/festas-tematicas/manual-para-festas-dos-anos-60-70-e-80-historia-como-se-vestir-e-dicas-de-roupas-e-fantacias/>. Acesso em 15 de Julho de 2014.

Museu Virtual de Remígio. Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.remigio>. Acesso em 26 de Julho de 2014.

O Grupo Ogírio Cavalcante. Disponível em:
<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/08/memoria-fotografica-o-grupo-ogirio.html#.VACvDqNm5lM>. Acesso em 03 de Agosto de 2014.

População de Remígio. Disponível em:
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251270&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>. Acesso em 26 de Maio de 2014.

ANEXOS



Anexo 1 – Fotografia do poeta Severino Cavalcanti de Albuquerque ao lado do Padre Ruy Viera, na década de 1960. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=611146&set=a..1640&type=1&theater>. Acesso em 04 de Agosto de 2014.



Anexo 2 – Imagem do prédio onde funcionava a JAC (Juventude Agrária Cristã) durante a década de 1960, fundada pelo Padre Ruy Barreira Vieira, destinado aos jovens da zona rural que estudavam na cidade de Remígio. Disponível em:

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=578101888973373&set=ms.c.eJw1x8kNACAM A7CNUCBtk~_6~%3BGBKHF055YtqLKEEjz3vd8912i9R~%3BR1YAjA2ZTAzH.bps.a.114166108700289&type=1&theater. Acesso em 04 de Agosto de 2014.



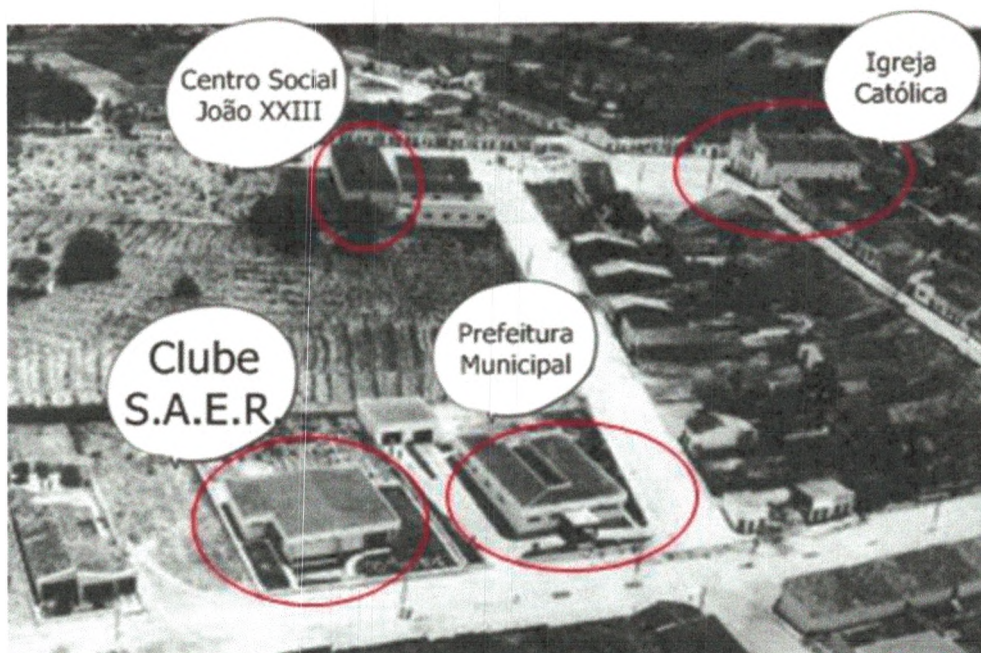
Anexo 3: Imagem da Família Bronzeado (1968). Na imagem o Patriarca Severino Alves de Araújo Bronzeado e a Matriarca Olívia Alves da Costa, entre seus quatorze filhos, netos e netas. Fonte: Museu Virtual de Remígio. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=578136642303231&set=a.578136408969921.1073741826.100003207024966&type=3&theater>. Acesso em 06 de Agosto de 2014



Anexo 4: Imagem do Deputado Federal Luiz da Costa Araújo Bronzeado em discurso no dia 31/03/1957 na Emancipação Política da cidade de Remígio – PB. Acervo pessoal da historiadora Rilma Suely Souza Melo



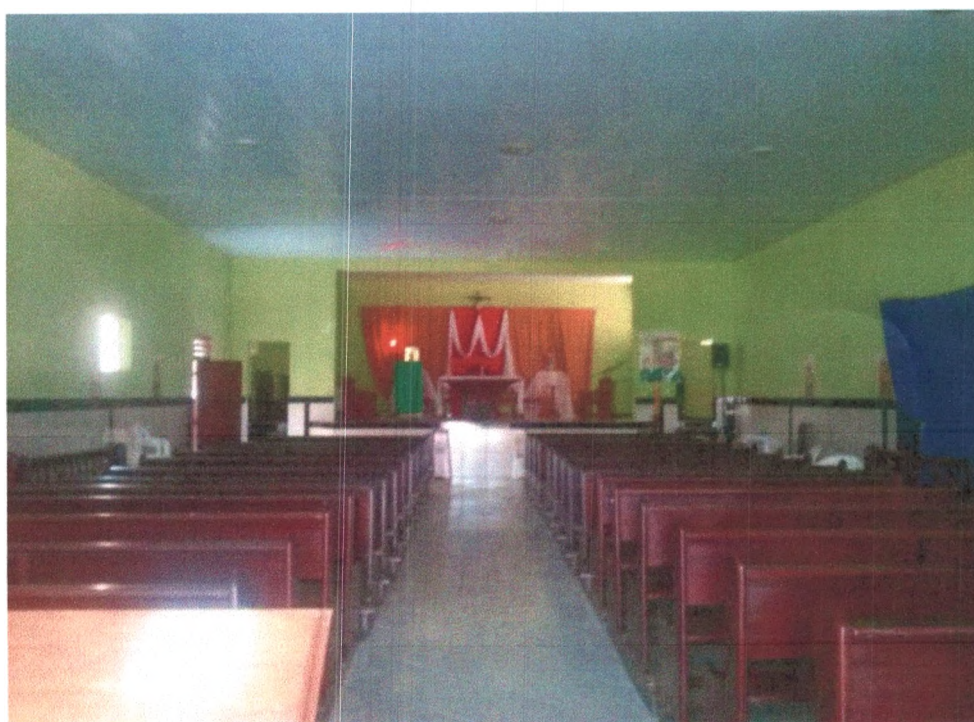
Anexo 5 – Imagem da Rua João Pessoa o povo saiu às ruas para comemorar a Emancipação Política da cidade de Remígio em 31 de Março de 1957. Fonte: Acervo pessoal da historiadora Rilma Suely Souza Melo.



Anexo 6 – Imagem da cidade de Remígio na década de 1970. Em destaque a localização do Centro Social João XXIII, a Igreja Católica, o Clube S.A.E.R. e a Prefeitura Municipal. Acervo pessoal da autora.



Anexo 7: Imagem do Clube S.A.E.R. em 1987. Acervo pessoal da autora.



Anexo 7: Imagem da parte interna do atual Centro Pastoral João XXIII (Antigo Centro Social João XXIII.) Ano 2014. Acervo pessoal da autora.